

PAULO FREIRE



*Um sujeito que amou
profundamente o mundo,
as pessoas, os bichos, as
árvores, as águas, a vida.*

LANDIOMOR



PAULO FREIRE

Um sujeito que amou profundamente o mundo,
as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida.



Coordenação editorial:

Instituto Paulo Freire

Parceria:

Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais
(Flacso Brasil), Vale e Secretaria de Educação do
Governo Estado do Maranhão.

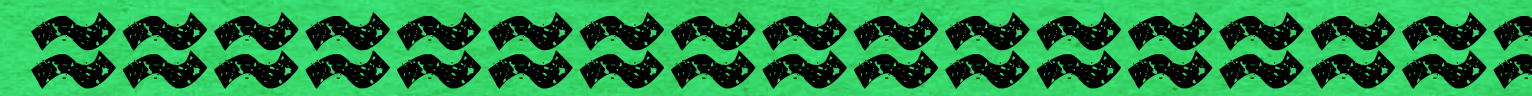
SUMÁRIO



Apresentação	6
Introdução	12
Quem foi Paulo Freire? Qual sua história?	18
Cronologia básica	40
Alguns dos principais conceitos de Paulo Freire	44
Como posso perceber a presença do pensamento de Paulo Freire na minha escola?	56
Para saber mais	64



APRESENTAÇÃO



O Maranhão celebra os 100 anos de Paulo Freire

Esta publicação foi concebida como forma de apresentar Paulo Freire, patrono da educação brasileira, e suas ideias aos estudantes do ensino médio do Maranhão. O texto reconta a vida e a obra deste grande educador, filósofo, cientista e gestor que inspira o Brasil e o mundo com seus ideais de educação democrática, inclusiva, emancipadora e socialmente justa.

A realização deste material, elaborado pelo Instituto Paulo Freire, foi possível graças à parceria entre a Secretaria de Estado da Educação do Maranhão e a Flacso Brasil, com o apoio da Vale, nos marcos do Projeto *Trilhos da Educação - Assessoria técnico-pedagógica para o fortalecimento da educação básica nos municípios ao longo da Estrada de Ferro Carajás*.

As ações efetivadas por meio do *Trilhos da Educação* estão inseridas no contexto da **Política Educacional Escola Digna**, que estrutura as iniciativas da Secretaria de Estado da Educação (Seduc) voltadas para a qualificação e formação continuada dos profissionais da educação e para a ampliação da gestão democrática das secretarias e das escolas, garantindo aos profissionais, estudantes e comunidade o direito de participação ativa no processo educativo. A política estabelece ainda a realização de ações colaborativas com os municípios, a fim de garantir o direito fundamental a uma escola de qualidade social a todas as crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, sejam elas da rede estadual ou municipal de ensino.



O desenvolvimento de um processo educativo de qualidade passa pela elaboração de uma política educacional construída coletivamente, que estabeleça, estrategicamente, ações desencadeadoras da melhoria do ensino e da aprendizagem. A Escola Digna é assim, uma política pública de Estado, construída intersetorialmente e com a participação dos diversos sujeitos da comunidade escolar, que estabelece como ações prioritárias a formação dos indivíduos e a qualificação dos espaços escolares, a fim de propiciar um ambiente digno, formado por gente que ensina e aprende.

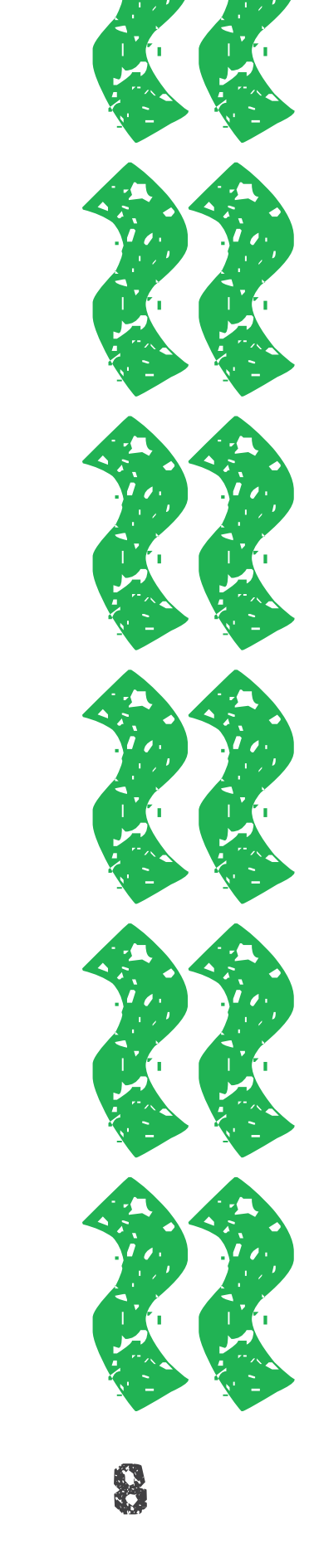
No âmbito da Política Educacional Escola Digna, foi instituído, em 2019, o **Pacto pela Aprendizagem**, a partir do qual são implementadas ações voltadas à melhoria dos indicadores educacionais das redes municipais e à concretização das metas dos planos de educação, com vistas a estimular a permanência dos estudantes no ambiente escolar e potencializar o regime de colaboração com os municípios maranhenses. Neste Pacto estão incluídas ações de infraestrutura, gestão, avaliação escolar; planejamento, suprimentos e suporte, além de apoio estadual na gestão

de programas e projetos federais. Os princípios norteadores da Escola Digna evidenciam a presença freiriana em nossas escolas públicas: I - liberdade de pensamento e manifestação no ambiente escolar; II - gestão democrática na educação pública; III - valorização dos profissionais da educação; IV - respeito aos direitos humanos e à sustentabilidade socioambiental; V - articulação, colaboração e cooperação institucional entre as redes públicas de ensino. Com os quais seguimos buscando uma educação que transforme socialmente, e seja repleta de beleza e dignidade.

É com este espírito que a Seduc se une às iniciativas de comemoração do centenário de Paulo Freire em uma demonstração de reconhecimento, validação e valorização de seu legado, assumido no Maranhão como um compromisso com a democratização da escola e a melhoria da qualidade da educação pública.

Paulo Freire segue vivo. Viva ao Maranhão, Viva à Escola Digna!

Secretaria de Estado da Educação do Maranhão



Esta publicação é um dos resultados do projeto *Trilhos da Educação - Assessoria técnico-pedagógica para o fortalecimento da educação básica nos municípios ao longo da Estrada de Ferro Carajás*, fruto da parceria iniciada em 2020 entre a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso Brasil) e a Secretaria de Educação do Estado do Maranhão (Seduc), com o apoio da Vale. O projeto tem por objetivo o desenvolvimento de ações direcionadas a alunos e professores, bem como o fortalecimento da capacidade institucional das redes estadual e municipais de educação, com foco nas escolas públicas de 23 municípios maranhenses próximos da Estrada de Ferro Carajás.

O projeto *Trilhos da Educação* vem somar-se às atividades de ensino, pesquisa, formação e cooperação que a Flacso tem desenvolvido ao longo de mais de seis décadas de atuação na região latino-americana. No Brasil, o organismo tem se concentrado nas áreas de educação, direitos humanos, segurança, gestão, participação social, saúde, juventude e violência, relações internacionais, entre outros temas. Os projetos são desenvolvidos em parceria com órgãos dos governos municipais, estaduais e federal, como também com organismos internacionais, empresas públicas e privadas e organizações da sociedade civil. Estes projetos envolvem temas sociais e pesquisas que traçam um panorama da realidade vivida no Brasil, nas mais variadas áreas e contextos socioeconômicos.

O legado de Paulo Freire, patrono da educação brasileira, esteve presente desde a concepção do projeto *Trilhos da Educação*. A base metodológica e teórica adotada partiu da compreensão freiriana



da educação como um processo contínuo e permanente de formação para a transformação da realidade, a partir do protagonismo dos sujeitos. Segundo esta concepção, a ideia da **ação-reflexão-ação** guia a prática educacional, a partir de três dimensões: (1) o estudo da realidade imediata, de modo a ancorar as estratégias de ação do projeto nos contextos, problemas e necessidades próprios das localidades e do público-alvo; (2) o aprofundamento teórico, de modo a enriquecer o conhecimento empírico sobre a realidade; (3) a utilização dos saberes sistematizados a partir da iniciativa como estratégias para **ações transformadoras** da realidade social.

O projeto *Trilhos da Educação* incluiu a produção de materiais estruturados e atividades de formação continuada voltados aos profissionais da educação; a elaboração de conteúdo e encontros formativos direcionados aos estudantes do ensino médio, com foco em direitos humanos e estímulo ao protagonismo juvenil; a concessão de bolsas para

o estímulo à pesquisa em educação por parte de estudantes maranhenses de graduação e pós-graduação e o desenvolvimento de pesquisa sobre a adequação e impacto da reforma do ensino médio nas escolas da rede estadual.

A publicação, elaborada por meio de parceria com o Instituto Paulo Freire (IPF), apresenta aos estudantes do ensino médio a biografia e os principais conceitos criados pelo educador pernambucano, cujo centenário é celebrado em 2021. Esperamos que a leitura deste material ajude a despertar a curiosidade dos jovens maranhenses em relação a este grande pensador e humanista que o Nordeste brasileiro ofereceu ao mundo, preparando-os para percorrer os trilhos da luta pela transformação social de suas realidades, com sustentabilidade, justiça social e igualdade de direitos.

Programa Cidadania, Participação e Políticas Públicas
Flacso Brasil





INTRODUÇÃO



Patrono da Educação Brasileira

Estamos no ano do centenário de Paulo Freire. Queremos celebrar o aniversário dele com você e, para isso, produzimos este e-book. Desejamos que ele seja um convite para você também entrar nessa festa. Trata-se de um livro aberto. Ele apresenta um pouco da vida, da obra e da história do educador e filósofo da educação, Paulo Freire, que, em 2012, recebeu, por iniciativa da deputada federal Luiza Erundina, o título de “Patrono da Educação Brasileira”.

Nosso desejo é que você, junto com outras pessoas da escola onde você estuda, junto com o Grêmio Estudantil, o Conselho Escolar, também comemore os cem anos do “pedagogo da esperança”. Podemos acrescentar capítulos a este e-book. Vocês podem escrever e compartilhar com a rede de educação, com outros alunos. Podem também lançar mão de outras formas de celebração, como, por exemplo, realizando um festival de música com temáticas relacionadas à educação emancipadora, organizando uma mostra fotográfica, uma marcha cidadã. São muitas as possibilidades! Converse com seus colegas, professores, direção e participe dessa homenagem a este “sujeito que amou o mundo, as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida”.



Esta publicação faz parte das várias iniciativas da Secretaria de Educação do Estado do Maranhão, no contexto do Centenário de Paulo Freire (1921-2021), que você poderá conhecer um pouco mais aqui, somando-se às homenagens nacionais e internacionais a este que é, hoje, reconhecido como “cidadão do mundo”, como educador brasileiro que deu importantes contribuições à história mundial das ideias pedagógicas, defendendo a educação transformadora, promotora da justiça social, da igualdade de direitos, da vida sustentável e da dignidade humana.

Nascido na cidade do Recife, estado de Pernambuco, viveu exilado por mais de 16 anos por força do golpe civil-militar de 1964. Nesse período, trabalhou em vários países do mundo, escreveu muitos livros e recebeu inúmeros prêmios em vida e, mesmo após sua morte, com 75 anos, em 2 de maio de 1997, ele continua recebendo, por exemplo, títulos Doutor *honoris causa*.

Para produzir este livro digital, feito com muito cuidado e carinho para você, foi realizada uma parceria entre a Secretaria de Educação do Estado

do Maranhão, a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso) e o Instituto Paulo Freire, de cuja criação, em 1991, Paulo Freire participou e da qual também se tornou patrono.

Ser jovem é viver um tempo de ousadias, é ser arrojado, curioso, criativo, aberto ao novo. Paulo Freire manteve sempre a juventude dentro dele. Tinha muitos sonhos. Dizia que o sonho é fundamental para nos manter vivos. Sentia medo, mas nunca deixava que ele o imobilizasse, que o medo o paralisasse. Até escreveu um livro chamado “Medo e ousadia: o cotidiano do professor”. Assim, por seus sonhos, esperanças, andanças pelo mundo tentando realizar o sonho de uma outra educação possível e por sempre beber na fonte da utopia – entendida como a semeadura de novos sonhos possíveis –, Paulo Freire ficou conhecido como “andarilho da utopia”. E, como você viu no subtítulo deste e-book, ele foi “um sujeito que amou o mundo, as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida”. Você, no início ou vivendo agora sua plena juventude, certamente vai gostar de conhecer mais sobre Freire, que se tornou um “educador do mundo” e que inscreveu seu nome na história

da educação mundial como um grande filósofo da educação que inspira pessoas de todas as idades, de todas as profissões, das ciências, das artes, da política.

Até por isso, você, que vive agora um momento tão importante em sua trajetória de vida, pensando na sua atual ou futura atuação profissional, ao conhecer um pouco da vida e da obra de Paulo Freire, terá uma referência de vida inspiradora. Apesar de ser muito conhecido e premiado em vários países, ele se manteve uma pessoa simples, curiosa, que gostava de aprender com a juventude e com todas as pessoas, buscando, em toda a sua vida, a coerência entre o que falou, o que escreveu e o que sempre fez.

Este e-book, como dizem no mundo da internet, é muito “amigável”. Ele permite uma leitura prazerosa, ao mesmo tempo que lhe traz indicações e também links para que você possa conhecer mais sobre a importância do educador, do filósofo e do trabalhador da educação Paulo Freire, sempre em defesa da justiça social, da não violência, da paz, da emancipação humana, dos direitos humanos e, sobretudo, da dignidade humana.

Aqui você poderá, inicialmente, saber **Quem foi Paulo Freire? Qual a sua história?** E nessa leitura, conhecerá textos poéticos e pedagógicos do próprio autor, que são muito inspiradores em relação à emoção, às várias sensações que nos causam, às percepções e aprendizagens que passamos a ter, presentes nos **fundamentos de sua obra**.

Você também encontrará importantes referências ao **Acervo Paulo Freire**, considerado patrimônio documental da humanidade, reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). E verá, ainda, neste e-book, uma **cronologia básica da vida e obra de Paulo Freire**. Se quiser saber mais sobre ele – e torçemos para

que isso aconteça –, poderá acessar, por exemplo, o site www.memorial.paulofreire.org, aprofundando os seus conhecimentos sobre Freire por meio de vasto material disponibilizado em livros, audiolivros, vídeos, registros fotográficos, premiações de Freire, etc.

Na sequência, você encontrará alguns dos principais conceitos relacionados ao pensamento e à práxis de Paulo Freire. Conceitos como, por exemplo, “amorosidade”, “diálogo”, “ação-reflexão”, “denúncia-anúncio”, “círculos de cultura”, “autonomia”, “leitura do mundo”, “opressor-oprimido”, “esperança”, “educação como ato político”, “conscientização”, entre outros termos muito presentes na filosofia freiriana, tão necessários à formação humanizadora e profissional.

Por fim, você ainda encontrará no e-book indicações primorosas sobre **Como posso perceber a presença do pensamento de Paulo Freire na minha escola?** É aí que você poderá também ler e discutir com a sua turma e demais colegas, o que significam, por exemplo, práticas e conceitos como “princípios

de convivência” na escola, “gestão democrática”, “currículo”, “avaliação”, “cidadania”, “participação”, “autonomia”, “valorização da tecnologia”, “inclusão digital”, entre outros, todos trabalhados na perspectiva da práxis (ação transformadora) de Paulo Freire.

Este e-book conta ainda com registros fotográficos do Acervo Paulo Freire e ilustrações do reconhecido cartunista brasileiro Claudius Ceccon, cedidas por ele e pela Fundação Roberto Marinho, enriquecendo esta publicação, a quem agradecemos pela generosidade e valiosa contribuição.

Está lançado o convite à leitura e à celebração do centenário de Freire. Você poderá compartilhar este e-book dentro e fora da sua escola, no seu círculo de amizade e nas suas redes sociais e comunitárias de aprendizagem, criando grupos de discussão, de criatividade, de estudos e de recriação do legado de Paulo Freire.

Faça uma ótima leitura e realize ótimos estudos.

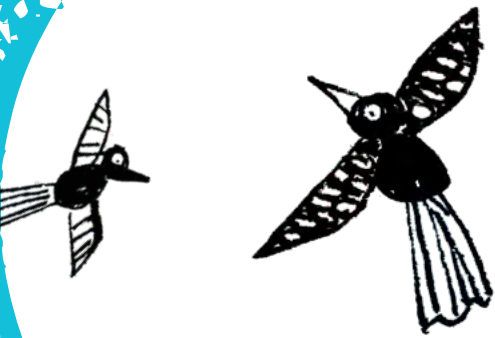
Ângela Biz Antunes e Paulo Roberto Padilha
Direção Pedagógica do Instituto Paulo Freire





Quem foi Paulo Freire? Qual sua história?





Um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida.

Há muito para contar de Paulo Freire. Há pessoas cujas vidas oferecem fios de muitas meadas para se tecer um texto. Aqui, puxaremos alguns deles, que serão os condutores de nossas palavras. Construiremos com eles, uma, dentre tantas possíveis apresentações deste grande ser humano, educador, cientista, filósofo, gestor Paulo Freire, patrono da educação brasileira.

Você poderá conhecer ou aprofundar os seus conhecimentos sobre ele e construir outras formas de contar a sua história. Fica o convite. Seria muito bom ver a vida e a obra de Paulo Freire sendo contada, cantada, dramatizada, poetizada, desenhada, pintada, grafitada e recriada sob diferentes perspectivas, sobretudo, sob o olhar da juventude. E, falando em grafite, sabe que um dos sonhos de Paulo Freire tem a ver exatamente com grafite? Veja um trecho de um dos livros dele, o A Educação na Cidade (1991, p. 23), em que ele revela um sonho:

[...] “semear” palavras em áreas populares cuja existência social não seja escrita, quer dizer, áreas de memória preponderantemente oral. Os grafiteiros que fazem tanta coisa bonita nesta cidade bem que poderiam ajudar, na realização desta sua loucura.

Semear palavras de denúncia, de anúncio, de esperança pelas ruas do bairro, pelos muros das escolas, pelos espaços da comunidade. Seria lindo ver esse sonho de Paulo Freire realizado.


Pouco antes de morrer, em 1997, ao ser perguntado numa entrevista sobre como gostaria de ser lembrado, Paulo Freire deu a seguinte resposta: “Eu gostaria de ser lembrado como um sujeito que amou



profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida”. Veja você: se alguém manifesta o desejo de assim ser lembrado é porque essas referências são muito importantes para ele, não é mesmo? Então, vamos contar um pouquinho da história de Paulo Freire, tendo por base esse seu desejo. Vamos falar de aspectos de sua vida que mostram esse “sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida”.



Na sede central do Instituto Paulo Freire (IPF), no bairro do Alto da Lapa, divisa com o bairro de Pinheiros, em São Paulo, existe o Centro de Referência Paulo Freire, onde ficam os Acervos Paulo Freire. Lá está a sua biblioteca pessoal, contruída antes e depois dos 16 anos nos quais ele ficou exilado por conta do Golpe Militar de 1964. No IPF, recebemos visitas, praticamente todos os dias, de pessoas que estudam, que pesquisam e que são interessadas na vida e obra de Paulo Freire. Elas vêm de diferentes lugares do Brasil e de diversas partes do mundo. São pessoas das mais variadas áreas do conhecimento e profissões – física, arquitetura, medicina, direito, comunicação social, enfermagem, pedagogia, música, arte em geral, neurolinguística, política e tantas outras.



Recebemos também estudantes do ensino fundamental, médio, do ensino superior que fazem graduações, licenciaturas, ou mestrado, doutorado, pós-doutorado, além de pessoas da educação popular, da educação comunitária, educação ambiental, educação tecnológica, de todas as idades. É interessante observar as expressões utilizadas pelas pessoas ao se referirem a Paulo Freire: “guardião da utopia” (como o grande geógrafo brasileiro Milton Santos o chamava), “pedagogo da esperança”, “semeador de sonhos”, “pedagogo dos oprimidos”, “andarilho de utopia”, “ser humano afetivo, amoroso, conectivo, acolhedor”. A forma como as pessoas o veem e confirma a identidade de como ele gostaria de ser lembrado: “um sujeito que amou o mundo e as pessoas”.

Quando Paulo Freire faleceu, em 2 de maio de 1997, o IPF recebeu centenas de mensagens e muitas delas destacavam, entre outros aspectos: a forte relação entre o ato de conhecer e a afetividade em sua vida e obra, a sua capacidade de conectar-se com as pessoas, de conectá-las entre si e de conectar as diferentes formas e manifestações de saberes e conhecimentos. Quem teve oportunidade de conviver com ele comenta sobre sua capacidade de escutar, sua coerência entre seu discurso e sua prática e a sua amorosidade com “as gentes”.



Ao falar de Freire, em geral, as pessoas contam sobre como, em suas respectivas histórias pessoais e profissionais, foram tocadas pelo seu profundo amor, respeito e convivência com os diferentes e com o seu compromisso com a justiça social. Sentem-se impelidas a tornar o mundo um lugar onde seja “menos difícil amar”. Falam da importância de Paulo Freire quando traz a educação emancipadora para o palco da história, colocando os holofotes sobre os oprimidos, tirando-os das coxias, dos bastidores da história e abrindo as cortinas para também serem vistos, escutados, conhecidos e para “dizer a sua palavra”, pois, segundo Freire, sem eles, a transformação social não virá.



Paulo Freire se autodenominava um “menino conectivo”, um “menino junção”. Veja o que ele afirmou sobre isso em uma de suas entrevistas:

Em Jabotão tive uma infância difícil, mas gostosa e bonita. Lá me experimentei enquanto menino junção, como costumo dizer, menino que fazia ligação entre meninos de classes sociais diferentes. Fazia parte do grupo dos meninos que comiam, mesmo que comesse menos do que eles, participando também do mundo dos meninos que quase não comiam. Era uma espécie de laço, de conexão entre uns e outros. Essa intimidade com os meninos operários, meninos dos morros, dos campos, me ensinou desde a tenra idade um mundo de coisas, inclusive me abriu os olhos para as injustiças tremendas de uma sociedade como a nossa” (CONH, 2021, p. 89).


A escolha dessa expressão, muito provavelmente, tem a ver com o fato dele ainda na juventude, ter atuado como professor de Português. Você já deve ter estudado, nas aulas de língua portuguesa, o que é junção. É uma das dez classes gramaticais. Significa ligação, união, junção. Gramaticalmente, junção é a palavra invariável cuja função é ligar orações ou termos de mesmo valor gramatical. Paulo Freire, desde muito cedo, procurava

aproximar as pessoas umas das outras. Em sua obra, aglutina e amarra um conjunto de categorias fundantes na sua forma de construir conhecimento, valores e práticas sociais.

Na dedicatória do seu livro mais famoso, Pedagogia do oprimido (1968), já está presente essa sua característica tão marcante. Ele diz assim:

Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim, descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.

Assim como a junção, que liga orações ou termos de mesmo valor gramatical, ele queria juntar pessoas de diferentes lugares, áreas do conhecimento, profissões, diferentes culturas, classes sociais, orientações afetivossexuais, religiões, mas com um “valor comum”: o sonho de um outro mundo possível, de um mundo com justiça social, com igualdade de direitos, com vida sustentável. Sonhava com a luta comum das pessoas oprimidas, desterritorializadas, exploradas, esfarrapadas do mundo. Exortava todas as pessoas que se descobriam nelas, que sofriam com elas, para que se somassem a elas na luta pela transformação social.



E, para Paulo Freire, a educação tinha um papel muito importante nesse processo. Ele dizia que a educação sozinha não transforma a realidade, mas, sem ela, a transformação também não acontece. Carlos Rodrigues Brandão, um grande amigo de Paulo Freire, traduziu assim suas palavras: “A escola não muda o mundo. A escola muda as pessoas. As pessoas mudam o mundo” (BRANDÃO, 2005, p. 37). Então, fica claro o papel da escola na formação de seres humanos capazes de transformar o mundo. Paulo Freire acreditava nisso e dedicou a vida a contribuir com uma educação que fosse humanizadora, emancipadora, transformadora.

Conhecendo um pouco mais a história desse homem que se autodenominava “menino conectivo”


Suas primeiras leituras

Filho de Joaquim Temístocles Freire e Edeltrudes Neves Freire, Paulo Reglus Neves Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, no Recife, no estado de Pernambuco. Embora o nome completo seja Paulo Reglus Neves Freire, ficou conhecido simplesmente como Paulo Freire. Um aspecto que desperta curiosidade das pessoas é o nome Reglus. Ao ser perguntado sobre isso, Paulo Freire afirma que nunca teve a oportunidade de perguntar aos pais o porquê desse nome, mas ele imagina que, talvez, em função da autoridade do “régulo”, que significa “rei”, o pai tenha



escolhido esse nome e, quando foi registrá-lo, embora tenha pronunciado “régulo”, a pessoa do cartório, que provavelmente nunca tinha ouvido falar esse nome, escreveu “reglus”. Paulo Freire dizia que nunca escrevia o nome completo a não ser quando tinha que escrever seu nome inteiro por alguma exigência legal ou burocrática.

Morou na Estrada do Encanamento, 724, no bairro Casa Amarela, no Recife (PE). No quintal da casa, à sombra das mangueiras, aprendeu, com a sua mãe, a ler e a escrever as palavras, utilizando os gravetos que encontrava pelo chão. Talvez um prenúncio daquela que seria a sua teoria do conhecimento, proposta no século XX, que, dentre outros aspectos, considera a realidade do educando, o chão, o contexto onde ele vive, o ponto de partida para a aprendizagem. Em vários livros ou em entrevistas que Paulo Freire deu, ele fala como era essa casa, como foi feliz nela, e, por suas palavras, podemos também perceber o ser humano que amou “os bichos, as árvores, as águas, a vida”:



Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós – à sua sombra brincava e em seus galhos mais doces à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores. A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os “textos”, as

‘palavras’, as ‘letras’ daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber – se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais (FREIRE, 1991, p. 9).

E continua Paulo Freire: Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros – o do sanhaçu, o do olho-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá; na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos; as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os “textos”, as “palavras”, as “letras”, daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores – das rosas, dos jasmims –, no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada, o verde da manga-espada inchada; o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre estas cores, o desenvolvi-





mento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto. [...] Daquele contexto faziam parte igualmente os animais – os gatos da família, a sua maneira manhosa de enroscar-se nas pernas da gente, o seu miado, de súplica ou de rai-va; Joli, o velho cachorro negro de meu pai, o seu mau humor, toda vez que um dos gatos incautamente se aproximavam demasiado do lugar em que se achava comendo e que era seu – “estado de espírito”, o de Joli, em tais momentos, completamente diferente do de quando quase desportivamente perseguia, acuava e matava um dos muitos timbus responsáveis pelo sumiço de gordas galinhas de minha avó (FREIRE, 1991, p. 10).

Que belo e poético texto de Freire. Inspirador. E ele conclui, recordando e dizendo

[...] até possivelmente os meus sete anos, o bairro do Recife onde nasci era iluminado por lampiões que se perfilavam, com certa dignidade, pelas ruas. Lampiões elegantes que, ao cair da noite, se “davam” à vara mágica de seus acendedores. Eu costumava acompanhar, do portão de minha casa, de longe, a figura magra do “acendedor de lampiões” de minha rua, que vinha vindo, andar ritmado, vara iluminadora ao ombro, de lampião a lampião, dando luz à rua. Uma luz precária, mais precária do que a que tínhamos dentro de casa.

Uma luz muito mais tomada pelas sombras do que iluminadora delas. Não havia melhor clima para peraltices das almas do que aquele. Me lembro das noites em que, envolvido no meu próprio medo, esperava que o tempo passasse, que a noite se fosse, que a madrugada semiclaçada viesse chegando, trazendo com ela o canto dos passarinhos “manhedores”. Os meus temores noturnos terminaram por me aguçar, nas manhãs abertas, a percepção de um sem-número de ruídos que se perdiam na claridade e na algazarra dos dias e que eram misteriosamente sublinhados no silêncio fundo das noites. Na medida, porém, em que me fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na “leitura” que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo” (FREIRE, 1991, p. 10).

Podemos perceber, pela riqueza de detalhes, a sensibilidade e a percepção de Freire para captar o que estava ao seu redor e como a natureza o tocava, era sentida e percebida por ele. A forma poética com que descreve seu espaço de vida, a intimidade com as árvores, com os bichos, com a natureza que o cercava revela esse amor de que ele fala. Há inúmeras passagens em seus livros, em especial, *À sombra dessa mangueira* (1995) e *Pedagogia da indignação* (2000), que nos dão a conhecer essa sensibilidade e poeticidade para traduzir o que



observava e mostram esse ser humano que tinha profundo amor à vida, à natureza, aos bichos, às árvores

Elza para Paulo: o que você tem que fazer é educação.

Em 1944, ainda estudante, casou-se com Elza Maria Costa de Oliveira. Desta união, nasceram cinco filhos: Maria Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes. Professora e diretora de escola primária, Elza participou ativamente no

desenvolvimento das primeiras experiências de Paulo Freire na educação e acompanhou, com ele, sua caminhada como educador, escritor, pesquisador. Era a primeira leitora dos textos que ele escrevia.

Em uma entrevista dada ao cartunista Claudius Ceccon, em 1978, Paulo Freire assim descreve sua companheira de vida:



A Elza era fabulosa [...]. É uma presença permanente na minha vida, de estímulo. Por exemplo, quando eu estava preso no Brasil, depois de 1964, Elza me visitava levando, às vezes, panelas de comida, para todos os companheiros de cela. Ela jamais disse para mim: Puxa, se eu tivesse meditado um pouco... Se tu tivesse evitado certas coisas, não estarias aqui. Jamais. A sua solidariedade comigo foi total e continua a ser (COHN, 2012, p. 61).

No livro *Educação na Cidade* (1991), há uma outra passagem sobre a presença de Elza em sua vida, que vale destacar:

Quando eu tinha vinte e dois anos encontrei minha primeira mulher, Elza [...] Trabalhava como poucas com crianças da pré-escola e como poucas se dava às crianças a quem, apaixonadamente, desafiava para que escrevessem e lessem. [...] Elza vivia muito bem entre liberdade



e autoridade. Fui seu professor de sintaxe. Foi assim que a conheci. [...] a influência de Elza em minha vida foi enorme (FREIRE, 1991, p.101).

Em 1946, concluiu o curso superior na tradicional Escola de Direito do Recife. Mal iniciou sua profissão, logo desistiu da prática de advocacia. Sabe o que ocorreu que o fez desistir da advocacia?

Paulo Freire nos conta que, ainda no quinto ano do curso de Direito, ele e mais três colegas abriram um escritório para atendimento de clientes. Ficaram um ano sem ter uma única pessoa para atender. Depois de formado, um dia apareceu um cliente para ele. Era o secretário do dono de uma loja que tinha vendido um equipamento para o consultório de um jovem dentista. Cabia a Paulo Freire chamá-lo para discutir as possibilidades de acertar a dívida e fazer a cobrança judicialmente, caso ele não fizesse o pagamento. Numa tarde, um rapaz que era da mesma idade dele, chegou ao escritório. Estava tímido, nervoso e disse ao Paulo Freire que ele realmente devia, mas não podia pagar. Explicou que era recém-casado e tinha uma filhinha de um ano e meio. Paulo Freire também tinha uma filhinha dessa idade naquele período. O dentista continuou: ainda não tenho clientes e estou tentando ganhar o suficiente para pagar o que comprei. Paulo Freire ficou sensibilizado e não teve coragem de seguir adiante. Não podia retirar do dentista os instrumentos de trabalho e de sustento da

família. Desistiu da causa e, ao voltar para casa, disse à Elza que havia encerrado a sua carreira de advocacia. Elza riu, beijou Paulo Freire e disse: Eu sabia que um dia isso ia acontecer. O que você tem que fazer é educação (COHN, 2012, p.167).

Por influência de Elza, investiu em sua carreira docente. Começou trabalhando como professor de Português no próprio Colégio Oswaldo Cruz em 1947. Em seguida foi designado para a diretoria do setor de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (Sesi) de Pernambuco. Em 1954, assume a superintendência desta instituição e nela permanece até 1957.

Sua filosofia educacional expressou-se primeiramente em 1958 na sua tese de concurso para a Universidade do Recife, e, mais tarde, como professor de História e Filosofia da Educação daquela universidade, bem como em suas primeiras experiências de alfabetização como a de Angicos, Rio Grande do Norte, em 1963. Paulo Freire nos conta que este projeto foi feito através da Secretaria de Educação do Estado, em convênio com a Universidade do Recife, e uma das exigências que ele colocou para aceitar a participar foi a de que a liderança ficasse na mão da União dos Estudantes de lá e, então, quem assumiu a coordenação foi Marcos Guerra, um estudante de direito, que foi amigo de Paulo Freire a vida toda (COHN, 2012, p. 69).



Queridos amigos
Jaques e Ananiá Eds.

Fiz este mês, exatamente, quatro anos que cheguei a Chile. Deixava Elza, deixava os filhos, deixava uma velhinha atônita ante o que me parecia impossível compreender. Deixava o Recife, seus rios, suas praias, sua mesa de maracujá gostoso - "Santidade" - "Oução", "Flocados", "Pasta das Creoulas", do "Chora menino", sua la amizade, do Sol, da Aurora. Deixava o macho de água morna, as praias largas, os upeiros. Deixava os pregões: "Doe de baba e gorbe". Deixava o cheiro da terra e das quintas do Trópico. Deixava os amigos, as vozes conhecidas. Deixava o Brasil. Trazes o Brasil. Chegava sobrenovo a muitas coisas e o projeto de um projeto do meu País.

Bucumbrei vocês. Benditei um vocês. Comprometi-me com o seu compromisso no (NDAP) que vocês partilhavam.

Gracia que vocês receberam estes manuscritos de um livro que pode não existir, mas que acabará sendo profunda criação que dilata nos homens, como em a simples humanidade a quem muito admiramos e estimo.

Santiago
Primavera
68.

Paulo

No início da década de 60, participou do Movimento de Cultura Popular (MCP) do Recife, importante movimento criado pelo, então, prefeito Miguel Arraes. Algum tempo depois, assumiu a direção do Serviço de Extensão Cultural (SEC) da Universidade do Recife. Vivia um período de intensa e ativa presença no campo educacional, o que o levou a ser convidado pelo ministro Paulo de Tarso a presidir a Comissão Nacional de Alfabetização. A partir de então passou a coordenar o Programa Nacional de Alfabetização, promovido

pelo Ministério da Educação, utilizando o que foi, na época, denominado "método Paulo Freire" para a alfabetização de adultos.

A ampla campanha publicitária promovida pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte projetou Paulo Freire em nível nacional. Ao perceberem que seu "método" fazia muito mais do que ensinar a ler e a escrever, Paulo Freire começou a ser mais conhecido no Brasil e a chamar a atenção de outras partes do mundo.

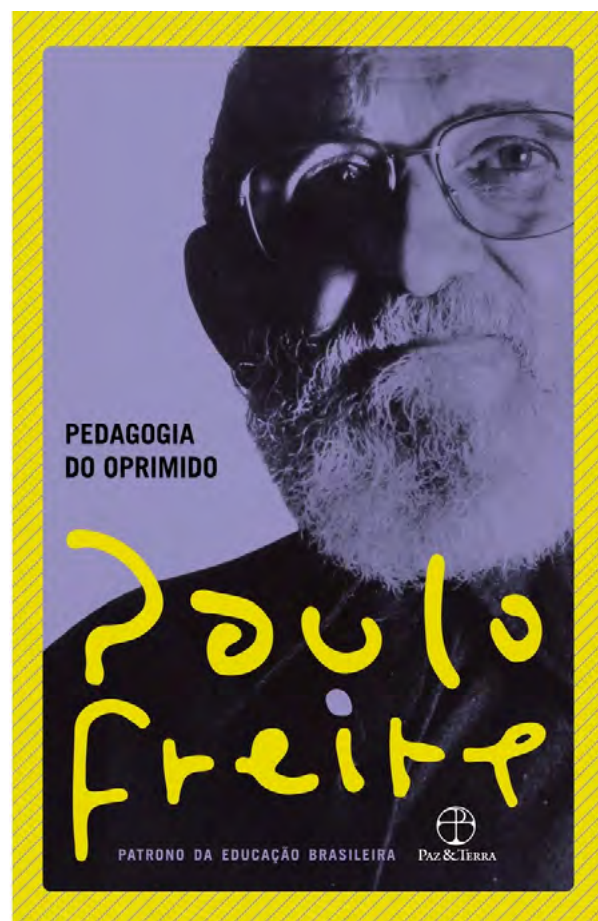


Ninguém sabe tudo. Ninguém ignora tudo.

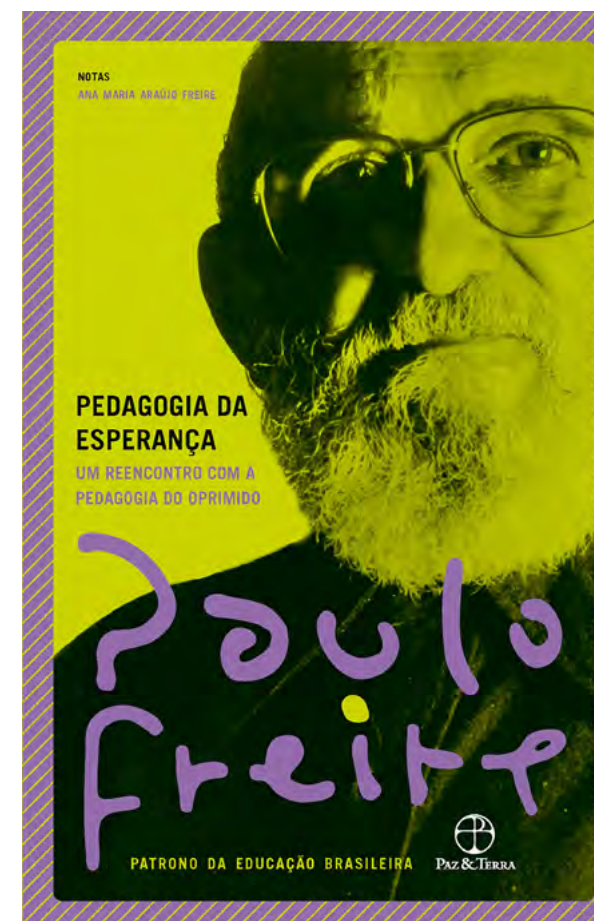
A coragem de pôr em prática um autêntico trabalho de educação que identifica a alfabetização com um processo de conscientização e formação política, capacitando o oprimido tanto para a leitura e a escrita quanto para intervenções na realidade, buscando a sua transformação, fez dele um dos primeiros brasileiros a serem exilados.

A metodologia por ele desenvolvida foi muito utilizada no Brasil em campanhas de alfabetização e, por isso, ele foi acusado de subverter a ordem instituída, sendo preso logo no início do Golpe Militar e Civil de 1964, sendo “convencido” a deixar o país após 72 dias de reclusão.

Foi primeiro para a Bolívia, mas não permaneceu lá porque não se adaptou ao clima, apresentando problemas de saúde. Então, dali foi para o Chile, onde, encontrando um contexto social e político receptivo às suas ideias, trabalhou primeiro como consultor do governo nacional (1964-1967), no Instituto de Desenvolvimento Agropecuário (INDAP) e, depois, no Instituto de Capacitação e Investigação da Reforma Agrária (ICIRA). Também, nesse período, lecionou na Universidade Católica do Chile e foi consultor da Unesco em Santiago. Foi neste país que escreveu, durante os cinco primeiros anos de exílio, a sua principal obra: *Pedagogia do oprimido* – que foi concluída em 1968.



Nesse livro, ele afirma que educar é promover a capacidade de ler a realidade e de agir para transformá-la. Para isso, a educação não pode se dar alheia ao contexto do educando, nem o conhecimento pode ser construído ignorando o saber dos alunos. Daí a importância do que ele chamava de “leitura do mundo”. Uma forma de se aproximar criticamente do contexto do educando, de conhecer os seus saberes, a sua realidade, a sua visão de mundo, as palavras de seu universo vocabular, a sua cultura, etc.




Desde seus primeiros escritos, Freire procurava uma teoria do conhecimento que possibilitasse a compreensão do papel de cada um no mundo e de sua inserção na história. Ele estava preocupado em elaborar uma pedagogia comprometida com a melhoria das condições de existência das populações oprimidas. O conhecimento construído através do processo educativo, nessa perspectiva, tem a função de motivador e impulsionador da ação transformadora. O ser humano deve entender a realidade como modificável e a si mesmo

como capaz de modificá-la. Sua pedagogia proporciona aos educandos a compreensão de que a forma de o mundo estar sendo não é a única possível. Paulo Freire nos ensina que a realidade é uma construção histórica. Feita por seres humanos. Assim está sendo, mas poderá ser de um outro jeito. E será de outro jeito se nos assumirmos como sujeitos da história e promovermos a transformação.

No livro *Pedagogia da esperança*, um reencontro com o livro *Pedagogia do oprimido* (1987), ele conta uma passagem de quando estava trabalhando com camponeses no Chile. Menciona um caso que viveu e cuja experiência foi lhe dando fundamentos teóricos não só para defender, mas viver o respeito ao conhecimento dos grupos populares com os quais trabalhava.

Desde os anos que trabalhou no Sesi junto aos pescadores, camponeses e trabalhadores urbanos, nos morros e nos córregos do Recife, ele já havia constatado a importância de o educando se assumir como sujeito do processo educativo. E assumir-se como sujeito que é capaz de conhecer e que quer conhecer. Para Paulo Freire, o educando não pode ser depósito do discurso do educador.

Estava ele no Chile, num encontro de formação com camponeses, quando, de repente, ele se deparou com o silêncio dos alunos. E perguntou a eles se não tinham nada a dizer. Um deles respondeu que quem sabia era ele, o professor. Eles, alunos, estavam ali para ouvir, para



aprender. Insistiram com Paulo Freire que eles eram analfabetos, homens do campo, ignorantes, nada sabiam. A esta fala, Paulo Freire respondeu que aceitaria o pressuposto deles. Temporariamente, concordaria que ele era a pessoa que sabia e os camponeses analfabetos nada sabiam e resolveu propor um jogo para eles. Um jogo que, para funcionar bem, exigiria deles absoluta lealdade. Eles concordaram em participar. Então, Paulo Freire disse: “Vou dividir o quadro-negro em dois pedaços, em que irei registrando, do meu lado e do lado de vocês, os gols que faremos eu, em vocês; vocês, em mim. O jogo consiste em cada um perguntar algo ao outro. Se o perguntado não souber responder, é gol do perguntador. Começarei o jogo fazendo uma primeira pergunta a vocês”. A essa altura, Paulo Freire conta que a aula ganhou uma nova dinâmica. Eles ficaram atentos e na expectativa sobre o que perguntariam a Paulo Freire. Veja o que Paulo Freire nos conta sobre o que aconteceu na sequência.

Primeira pergunta: – O que significa a maiêutica socrática? Gargalhada geral e Paulo Freire registrou o seu primeiro gol. Agora cabe a vocês fazer a pergunta a mim, disse. Houve uns cochichos e um deles lançou a questão: – o que é curva de nível? Paulo Freire não soube responder. Registrou, então, um a um e lançou para eles a pergunta seguinte: – Qual é a importância de Hegel no pensamento de Marx? Os camponeses não fa-

ziam a menor ideia de quem eram Hegel e Marx. Eles não souberam responder. Dois a um. Os camponeses perguntaram a Paulo Freire: – para que serve a calagem do solo? Ele não soube responder e o placar ficou em dois a dois. Paulo Freire resolveu então perguntar: – o que é um verbo intransitivo? Novamente eles não souberam responder. Três a dois. A pergunta seguinte dos camponeses foi: – que relação há entre curva de nível e erosão? Paulo Freire ficou em silêncio. Mais uma vez, não sabia. Então, a contagem dos pontos ficou em “três a três”. E foram assim até a décima pergunta. Resultado do jogo: dez a dez. Eles não souberam responder as dez perguntas que Paulo Freire fez, mas Paulo Freire também não conseguiu responder as dez perguntas que eles fizeram.

Ao se despedir deles, Paulo Freire fez uma sugestão: “Pensem no que houve esta tarde aqui. Vocês começaram discutindo muito bem comigo. Em certo momento ficaram silenciosos e disseram que só eu poderia falar porque só eu sabia e vocês não. Fizemos um jogo sobre saberes e empatamos dez a dez. Eu sabia dez coisas que vocês não sabiam e vocês sabiam dez coisas que eu não sabia. Pensem sobre isto” (FREIRE, 1991, p. 48).

Aproveitando a história acima, convidamos você a ler *Pedagogia da Esperança* e conhecer a sequência da reflexão que Paulo Freire faz no

livro, mostrando-nos que ninguém sabe tudo e ninguém ignora tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. E não há saber mais importante que o outro. Há saberes diferentes. Cada um tem sua importância no contexto em que é construído e aplicado. Para Paulo Freire, ninguém pode ser desrespeitado, humilhado, ridicularizado pelo conhecimento que possui e pelo jeito de expressá-lo. Tampouco pode ser silenciado ou invisibilizado em sala de aula, como se não existisse, como se sua forma de “estar sendo no mundo” não importasse, ou devesse ser ignorada ou evitada. O professor não pode ser arrogante e pensar que tudo sabe e por isso vai ficar depositando conteúdo na cabeça do educando, sem ouvi-lo, sem conhecê-lo, sem respeitar seus saberes, sem

conhecer as questões que a sua realidade apresenta, sem conhecer as perguntas que os educandos trazem para a sala de aula sobre seu mundo vivido, sem valorizar a cultura do educando. Paulo Freire afirma que onde se ensina, aprende-se ao ensinar e, onde se aprende, ensina-se ao aprender. O professor aprende ao ensinar. O aluno ensina ao aprender.

Em abril de 1969, transferiu-se para os Estados Unidos. Lecionou na Universidade de Harvard até fevereiro de 1970, em estreita colaboração com numerosos grupos engajados em novas experiências educacionais tanto em zonas rurais quanto urbanas. Durante os 10 anos seguintes foi Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra (Suíça). Nesse período, deu consultoria educacional junto a vários governos dos, então, chamados países do Terceiro Mundo, principalmente na África. Muitos anos depois, ele disse que, conhecendo a África, passou a conhecer e a entender melhor o seu próprio país.

Depois de 16 anos de exílio, em junho de 1980, retornou ao Brasil para “reaprender” seu país. Lecionou na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Após o falecimento da primeira esposa, Elza Freire, em 1986, casou-se, em março de 1988, com Ana Maria Araújo, mais conhecida como Nita Freire.





RAPensando a escola

Em 1989, a convite de Luíza Erundina, primeira mulher nordestina eleita prefeita, na cidade de São Paulo, pelo Partido dos Trabalhadores, Paulo Freire, tendo Moacir Gadotti como chefe de gabinete, assumiu a Secretaria de Educação da maior cidade do país, aí permanecendo até maio de 1991.

Quando foi secretário de Educação da cidade de São Paulo, uma das prioridades de sua política educacional foi fortalecer a gestão democrática. Valorizou a participação dos estudantes. Estimulou e criou condições para instituir os grêmios estudantis nas escolas. Foram constituídos os conselhos de escola com poder

deliberativo, que contavam com a participação ativa de todos os representantes, inclusive dos alunos. Criou um amplo movimento para atualizar o currículo das escolas, chamado de “reorientação curricular”.

A ideia era elaborar um novo currículo na escola que dialogasse mais com os saberes da comunidade e que fosse mais democrática. Para isso, além de consultar os professores, as professoras, consultou também familiares e estudantes. Fez questão de escutar a opinião dos alunos e das alunas sobre a escola que tinham e a escola que queriam. Ele mesmo foi várias vezes até as escolas conversar com os(as) educandos(as). A partir do que lhe disseram, começaram acontecer mudanças na rede municipal.

Houve várias iniciativas de valorização dos saberes e da cultura dos estudantes. Em 1990, foi instituído na rede municipal de educação da cidade de São Paulo o projeto “RAPensando a

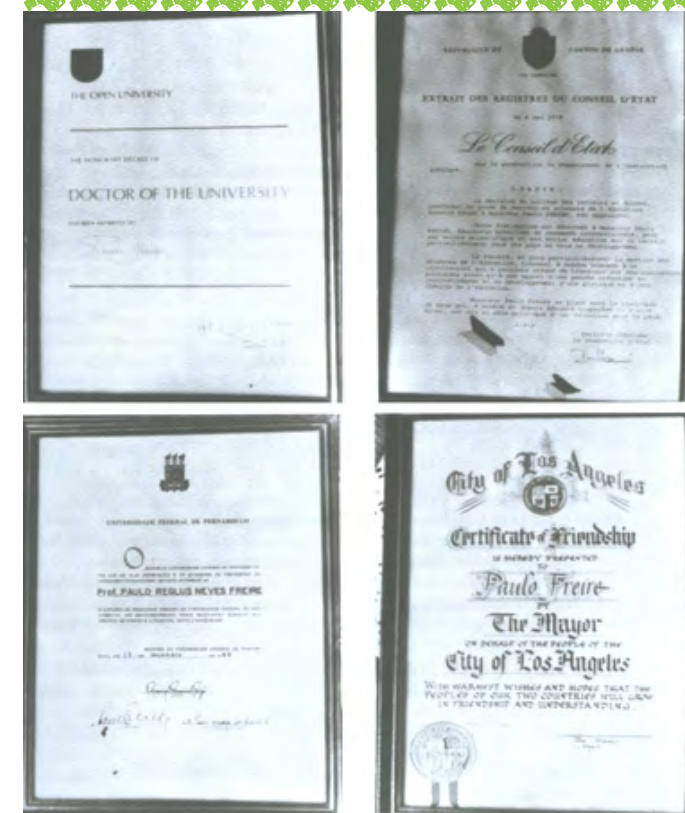


escola”. O grupo musical “Os Racionais” ia até as escolas cantar, dialogar sobre temáticas abordadas nas letras das músicas e também sobre a cultura do RAP. Existiram muitas outras iniciativas como, por exemplo, o projeto “A escola vai ao teatro”, criando oportunidade para que crianças e adolescentes que nunca haviam assistido a uma peça de teatro pudessem conhecer os teatros da cidade e as peças teatrais que estavam em cartaz na época. Paulo Freire procurou construir a política educacional com os (as) professores(as), os(as) estudantes e com a comunidade, reconhecendo educandos e educadores como sujeitos ativos do processo educativo. Na forma coloquial de se expressar, ele disse que era preciso “mudar a cara da escola” e, para isso, ela precisava ser respeitada e consultada. Por meio de uma gestão democrática e participativa foi possível vivenciar a experiência de fazer do currículo uma história escrita pelos professores, em diálogo com a comunidade escolar.

Obras e premiações recebidas por Paulo Freire

Paulo Freire é autor de muitas obras. Entre elas: Educação como prática da liberdade (1967), Pedagogia do oprimido (1968), Cartas à Guiné-Bissau (1975), Pedagogia da esperança (1992), À sombra desta mangueira (1995), Pedagogia da autonomia (1997).

Foi reconhecido mundialmente pela sua prática e por sua teoria educativa através de numerosas



homenagens e se tornou filósofo da educação, um dos mais importantes do século XX. Além de ter seu nome adotado por muitas instituições, é cidadão honorário de várias cidades no Brasil e no exterior. A Paulo Freire foi outorgado o título de doutor *honoris causa* por 41 universidades. Por seus trabalhos na área educacional, recebeu, entre outros, os seguintes prêmios: “Prêmio Rei Balduino para o Desenvolvimento” (Bélgica, 1980); “Prêmio Unesco da Educação para a Paz” (1986) e “Prêmio Andres Bello” da Organização dos Estados Americanos, como Educador do Continente (1992).





Em 1991, junto com Moacir Gadotti, fundou oficialmente o Instituto Paulo Freire. Até 1997, viveu um período de intensa participação em congressos, conferências, simpósios, bem como de produção de livros, ensaios, artigos, entrevistas e diálogos com outros intelectuais. No dia 10 de abril de 1997 lançou seu último livro, intitulado “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa”.

Paulo Freire faleceu no dia 2 de maio de 1997 em São Paulo, vítima de um infarto agudo do miocárdio.

O ser humano e o educador Paulo Freire por ele mesmo

No livro Política e educação (FREIRE, 1993, p. 40), no capítulo intitulado “Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos” ele nos brinda com uma bela narrativa sobre aspectos de sua história, que mais uma vez, mostra o ser humano que amava profundamente “o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida”. Vamos conhecer mais um pouco do ser humano e educador Paulo Freire por meio de suas próprias palavras.

Vamos nos fazendo aos poucos [...] Não nasci professor ou marcado para sê-lo, embora minha infância e adolescência tenham estado sempre cheias de “sonhos” em que rara vez me vi encarnando figura que não fosse a de professor.

“Brinquei” tanto de professor na adolescência que, ao dar as primeiras aulas no curso então chamado de “admissão” no Colégio Osvaldo Cruz do Recife, nos anos 40, não me era fácil distinguir o professor do imaginário do professor do mundo real. E era feliz em ambos os mundos. Feliz quando puramente sonhava dando aula e feliz quando, de fato, ensinava. Eu tinha, na verdade, desde menino, um certo gosto docente, que jamais se desfez em mim.

[...] Não me é possível separar o que há em mim de profissional do que venho sendo como homem. [...] Menino cedo desafiado pelas injustiças sociais como cedo tomando-se de raiva contra preconceitos raciais e de classe a que juntaria mais tarde outra raiva, a raiva dos preconceitos em torno do sexo e da mulher.

Como não perceber, por exemplo, que de minha formação profissional faz parte bom tempo de minha adolescência em Jaboatão, perto do Recife, em que não apenas joguei futebol com meninos de córregos e de morros, meninos das chamadas classes menos afortunadas, mas também com eles aprendi o que significava comer pouco ou nada comer. Algumas opções radicais, jamais sectárias, que me movem hoje como educador, portanto como político, começaram a se gestar naquele tempo distante. A Pedagogia do oprimido, escrita tanto



tempo depois daquelas partidas de futebol ao lado de Toinho Morango, de Rinaldo, de Gerson Macaco, de Dourado, cedo roídos pela tuberculose, tem que ver com o aprendizado jamais interrompido, que comecei a fazer naquela época – o da necessidade de transformação, da reinvenção do mundo em favor das classes oprimidas.


[...] A maneira sempre aberta como me experimentei em casa, com direito posto em prática, de perguntar, de discordar, de criticar, não pode ser desprezada na compreensão de como venho sendo professor. De como, desde os começos de minha indecisa prática docente, eu já me inclinava, convicto, ao diálogo, ao

respeito ao aluno. Minha prática dialógica com meus pais me preparara para continuar a vivê-la com meus alunos.

[...]

As experiências de que participei na África, na Ásia, na Europa, na América Latina, no Caribe, nos Estados Unidos, no México, no Canadá, discutindo com educadores nacionais problemas fundamentais de seus subsistemas educacionais; minha participação em cursos e seminários em universidades norte-americanas, latino-americanas, africanas, europeias, asiáticas; meus encontros com lideranças de movimentos de libertação na África, na América Latina, tudo isso está guardado em minha memória não como algo do passado, que se recorda com saudade. Tudo isso, pelo contrário, está bem vivo e bem atual. E quando sobre tudo isso penso, algo me faz crer que uma das marcas mais visíveis de minha trajetória profissional é o empenho a que me entrego de procurar sempre a unidade entre a prática e a teoria. É neste sentido que meus livros, bem ou mal, são relatórios teóricos de quefares com que me envolvi. Na verdade, não nasci marcado para ser um professor a esta maneira, mas me tornei assim na experiência de minha infância, de minha adolescência, de minha juventude”. Política e educação (FREIRE, 1993, p. 40-42).





No dia 13 de abril de 2012, pela Lei nº 12.612, sancionada pela presidenta Dilma Roussef, Paulo Freire foi declarado Patrono da Educação Brasileira. O projeto de lei foi de autoria da deputada federal Luiza Erundina que, como prefeita de São Paulo (1989-1992), teve Paulo Freire como Secretário Municipal de Educação.

Patrimônio documental da humanidade

O legado filosófico, educacional e pedagógico de Paulo Freire, marcado por sua “ética universal do ser humano” e constituído por uma ciência, uma epistemologia e uma política, vem se tornando referência para pensadores e militantes em vários campos.

Freire insistia que o professor precisa ser menos lecionador e mais organizador do conhecimento e da aprendizagem – e isso valia para os anos 60 e continua valendo para os dias atuais. Lembra-nos, permanentemente, que não é suficiente oferecer educação. É preciso garantir qualidade. E não fala de qualquer qualidade. Trata da qualidade ética, social, política da educação. Ensina-nos que educar implica escolhas, compromisso e luta. Paulo Freire continua atual. Traz sempre as perguntas: em favor de quem? De quê? Para quê? Para quem? Com quem? Na perspectiva freiriana, a educação precisa ser emancipadora. Paulo Freire defendia a educação que emancipa, que humaniza, que transforma, que reconhece o educando



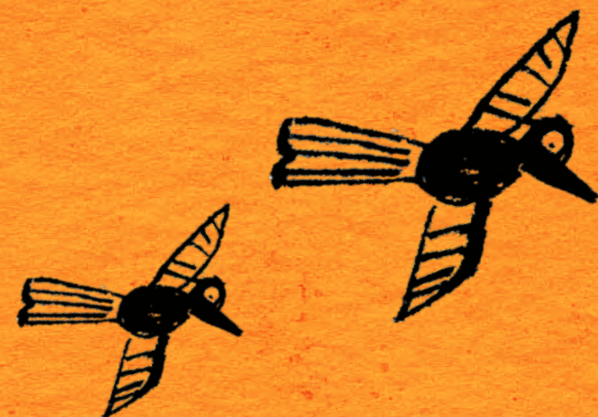
como sujeito da construção do conhecimento. Ressalta a importância de levarmos em consideração, no processo pedagógico, o contexto do educando, a diversidade que nos caracteriza: populações afrodescendentes, indígenas, de zona rural, encarcerados, jovens em conflito com a lei etc. Insiste para que não cheguemos com respostas prontas, pois não haverá diálogo entre escola e comunidade, entre educador e educando, quando aquele se reconhecer como o único a possuir saber e este o que deverá recebê-lo.

Paulo Freire é o terceiro pensador mais citado do mundo em universidades da área de humanas. O levantamento foi feito através do Google Scholar – ferramenta de pesquisa para literatura acadêmica – por Elliot Green, professor associado da London School of Economics. Segundo essa ferramenta, Freire é citado 72.359 vezes, atrás somente do filósofo americano Thomas Kuhn (81.311) e do sociólogo, também americano, Everett Rogers (72.780). Outro ponto de reconhecimento do patrono da educação brasileira foi a menção da obra Pedagogia do oprimido entre os 100 livros mais pedidos em universidades de língua inglesa pelo mundo. Reunindo mais de 1 milhão de ementas de estudos universitários americanos, ingleses, australianos e neozelandeses, o livro de Freire foi o único brasileiro a entrar no top 100 da lista. No campo de Educação, ele ficou em segundo lugar entre os mais pedidos. O levantamento foi realizado pelo projeto Open Syllabus e traz ainda outras

20 obras de Paulo na lista geral. Em momento de intenso debate sobre educação no Brasil e sobre o legado do educador, a obra de Freire segue unânime pelo mundo.

Em 2011, o Acervo Paulo Freire foi reconhecido pelo Conselho Nacional de Arquivos do Brasil como de alta relevância pedagógica e social. Em 2014, seu Acervo recebeu o reconhecimento do Programa Memória do Mundo, da Unesco, em âmbito nacional. Conquistou o reconhecimento em nível de América Latina e Caribe, em 2015 e, em 2017, recebeu o título de patrimônio documental da humanidade.





Cronología Básica



1921 – Paulo Freire nasce em Recife, no dia 19 de setembro.

1927 – Entra, já alfabetizado, para a escolinha particular da professora Eunice Vasconcelos.

1931 – Mudança para Jaboatão.

1934 – Morte do pai quando Paulo tinha 13 anos.

1937 a 1942 – Cursa o ensino secundário no Colégio Osvaldo Cruz, do Recife, onde teve seu primeiro emprego, tornando-se, em 1941, professor de língua portuguesa do mesmo.

1943 – Ingressa na Faculdade de Direito do Recife.

1944 – Casa-se com Elza Maia Costa de Oliveira.

1947 – Forma-se Bacharel em Direito. Assume a Diretoria da Divisão de Educação e Cultura, do Sesi-Pernambuco.

1952 – Nomeado professor catedrático da Faculdade de Belas Artes, da Universidade do Recife.

1954 – Foi nomeado diretor superintendente do Departamento Regional de Pernambuco do Sesi-PE, cargo que ocupou até outubro de 1956.

1960 – Defende tese e obtém o título de doutor em Filosofia e História da Educação.

1961 – Foi-lhe conferido o título de Livre Docente da Faculdade de Belas Artes. Tendo perdido o cargo de docente desta escola, foi nomeado professor assistente de ensino superior, de Filosofia, na Faculdade de Filosofia,

Ciências e Letras, da Universidade do Recife.

1962 – Cria e é o primeiro diretor do Serviço de Extensão Cultural, da Universidade do Recife.

1963 – Realiza a Experiência de Alfabetização de Angicos/RN. Cria as bases do Programa Nacional de Alfabetização, do governo João Goulart.

1964 – Golpe Militar extingue o Programa Nacional de Alfabetização. Prisão no Recife. Asilo na Embaixada da Bolívia, no Rio de Janeiro. Em setembro, parte para a Bolívia. Em novembro, segue para o Chile.

1965 – Publica o livro Educação como prática da liberdade.

1967/1968 – Escreve no Chile o livro Pedagogia do oprimido.

1969 – Muda-se para Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos.

1970 – Transfere-se para Genebra, Suíça, para trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas, passa a “andarilhar” pelos cinco continentes.

1971 – Funda, com outros exilados, o Instituto de Ação Cultural (IDAC), em Genebra; dedica-se de modo especial ao trabalho de educação em alguns países africanos.

1979 – Obtém seu primeiro passaporte e visita São Paulo, Rio de Janeiro e Recife.

1980 – Retorna ao Brasil. Leciona na PUC/SP e na Unicamp.

1981 – Participa da fundação do Vereda –

Centro de Estudos em Educação – em São Paulo.

1982 – Publica A importância do ato de ler em três artigos que se completam, livro que mereceu, em julho de 1990, o “Diploma de Mérito Internacional”, concedido pela “International Reading Association”, na Suécia. Deste ano até 1992, escreve os “livros falados”, isto é, livros nos quais, estimulado por outros educadores, narra a sua vida e explicitava as suas reflexões.

1986 – Recebe o Prêmio Unesco da Educação para a Paz. No dia 24 de outubro morre sua primeira esposa, Elza Maia Costa Freire.

1987 – Passa a integrar o júri internacional da Unesco, que escolhe e premia as melhores experiências de alfabetização do mundo.

1988 – No dia 27 de março, casa-se em cerimônia religiosa, no Recife, com Ana Maria Araújo Hasche e, em 19 de agosto, em São Paulo, em cerimônia civil, quando ela passa a assinar Freire.

1989 – Assume o cargo de secretário de Educação da cidade de São Paulo.

1991 – Afasta-se da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo para escrever livros. Retorna a lecionar na PUC/SP. Demite-se da Unicamp. Participa da criação do Instituto Paulo Freire.

1988/1997 – Volta depois de 10 anos a escrever livros autorais: Pedagogia da esperança, Cartas à Cristina: reflexões sobre

a minha vida e minha práxis, Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar, Política e educação, À sombra desta mangueira e Pedagogia da autonomia, além de outros com diversos educadores; e inúmeros artigos e conferências.

1997 – Faleceu no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, no dia 2 de maio, vítima de um infarto agudo do miocárdio. Deixou viúva e cinco filhos.

1999 – É tema da Escola de Samba Leandro de Itaquera, com o enredo “Por Paulo Freire: educação, um salto para a liberdade”.

2011 - O Acervo Paulo Freire é reconhecido pelo Conselho Nacional de Arquivos (Conarq).

2012 - Paulo Freire é nomeado Patrono da Educação Brasileira.

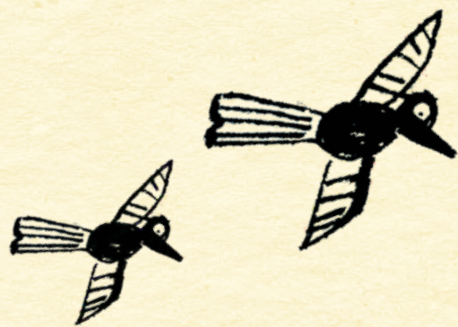
2014 - O Acervo de Paulo Freire é reconhecido, em nível nacional, pelo Programa Memória do Mundo, da Unesco.

2015 - O Acervo de Paulo Freire é reconhecido, em nível da América Latina e Caribe, pelo Programa Memória do Mundo, da Unesco.

2017 - O Acervo de Paulo Freire recebe do Programa Memória do Mundo, da Unesco, o reconhecimento de “patrimônio documental da humanidade”.


2021 - Celebra-se o centenário de Paulo Freire com inúmeras atividades no Brasil e no mundo.





Alguns dos principais conceitos de Paulo Freire





Aqui apresentamos de forma introdutória alguns dos conceitos que perpassam a obra de Paulo Freire.

AÇÃO-REFLEXÃO

Paulo Freire usa esse binômio "ação-reflexão" em muitos de seus livros. O saber que realimenta criticamente o fazer, cujo resultado incide novamente sobre o saber e, assim, ambos se refazem continuamente. Paulo Freire afirma que não podemos separar ação da reflexão. Se ficarmos só na ação, sem refletir sobre o que estamos realizando, caímos no ativismo. Se ficarmos só na reflexão, só na teoria, só no discurso, sem agir sobre a realidade, caímos no "verbalismo", no "blá, blá, blá", como ele dizia. Ação-reflexão destaca a relação necessária e permanente entre o fazer e o refletir. Valorizar a teoria que realimenta criticamente nossas ações, e, assim, criar oportunidade de construção de novos conhecimentos. Para Freire, não pode haver pronúncia de um outro mundo, de transformação social, fora desse movimento dialético entre ação-reflexão.

AMOROSIDADE

Para Paulo Freire, "não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor" (FREIRE, 1987, p. 45). A amorosidade freiriana percorre toda sua obra e sua vida e se materializa no afeto



como compromisso "com" o outro, que se faz engravidado da solidariedade e da humildade. Ele fala que devemos saber escutar, que o diálogo amoroso, enquanto ato de coragem, e não de medo e silêncio, leva-nos a um fortalecimento coletivo e social. Para Freire: "o amor é um ato de coragem, [...] o ato de amor está em comprometer-se com a causa. A causa da sua libertação. Mas este compromisso, porque é amoroso, é dialógico". Portanto, amorosidade não só fundamenta o diálogo, mas a própria luta pela liberdade, na busca de um mundo melhor, mais justo, menos feio, onde seja "menos difícil de amar" (FREIRE, 1987, p. 45).



AUTONOMIA

Para Paulo Freire, autonomia é libertar o ser humano da crença de que somos seres determinados: assim fomos, assim somos, assim seremos. É criar condições para reconhecer que a história é tempo de possibilidades e nós, sujeitos da história. Perceber que "o mundo não é; o mundo está sendo". Entender que a realidade é construção histórica feita por seres humanos. Pressupõe "ensinar a pensar certo", a dizer a palavra verdadeira, aquela que é práxis: ação e reflexão. Prática e teoria em constante relação, buscando um "estar sendo no mundo" autônomo. Todo processo de autonomia exige reflexão crítica e prática. Autonomia é um processo de decisão e de humanização que vai sendo construído



historicamente, desde a infância, a partir das oportunidades de decisão que vamos tendo ao longo de nossa existência. É preciso liberdade para decidir, pensamento crítico-científico-criativo para construir autonomia.

CIDADANIA

Ser cidadão, para Freire, é tomar para si o destino de sua própria história. É ser sujeito da história. Não é só cumprir leis. É ser capaz de criar novas leis, visando ao bem comum. É atuar para criar novos espaços de decisão política em benefício da maioria. Ser capaz de ler criticamente o mundo e reescrevê-lo, transformando-o para melhor. A educação que forma para e pela cidadania é o objetivo de Paulo Freire desde o começo de sua atuação como educador. Ela é compreendida como apropriação crítica da realidade para nela atuar, participando conscientemente da construção de realidades mais justas e sustentáveis em favor da emancipação, da humanização, da transformação.

CÍRCULO DE CULTURA

Imagine que no lugar de "sala de aula" um "Círculo de Cultura" pode acontecer em qualquer espaço social, dentro ou fora da escola. Pesquisar e estudar em diálogo, onde se aprende ao ensinar e se ensina ao aprender. Construir novos conhecimentos, novas experiências artístico-culturais, de forma dialógica. Cada pessoa com o sentimento de que pertence e é importante ao grupo, e





o grupo pertencente a cada uma delas. Não é apenas uma nova organização espacial das pessoas, formando um círculo onde todos se observam e se enxergam, mas o reconhecimento de que há saber em todo ser e que novos saberes serão construídos em diálogo. Pressupõe uma resignificação de nossa própria corporeidade, do nosso próprio estar-sendo no mundo, onde estabelecemos relações humanas dignas, respeitando a diversidade do grupo, as suas diferenças e as suas semelhanças. No “Círculo de Cultura”, criado por Paulo Freire, resignificamos o processo de ensino e de aprendizagem, valorizamos os saberes prévios das pessoas, suas culturas, vivemos e reescrevemos a nossa própria história, mediatizados pelo mundo. Vivenciamos práticas de ensinar e aprender fundadas na horizontalidade das interações pedagógicas, buscando construir o saber solidário a partir do qual cada um ensina e aprende, buscando a emancipação humana e a transformação social.

CONSCIÊNCIA-CONSCIENTIZAÇÃO

Para Paulo Freire, tomar consciência é dar-se conta, espontaneamente, da realidade. E a conscientização, por outro lado, significa uma apreensão crítica da realidade: além de conhecer o objeto, refletimos sobre ele, o que nos permite avaliar, perceber melhor todos os ângulos e sentidos da realidade, para transformá-la. Esta acontece quando estabelecemos relação entre consciência-



mundo, que se dá na práxis, ou seja, numa “ação transformadora”, a partir do ato da ação-reflexão. Portanto, não basta estarmos conscientes. Para transformarmos o mundo, partimos da conscientização sobre ele, sobre a realidade que, inicialmente, havíamos observado apenas espontaneamente, geralmente de forma ingênua, sem análise crítica do objeto, da situação observada ou dos fatos reconhecidos, analisados e interpretados por nosso olhar individual e, principalmente, coletivo.



DIÁLOGO

Para Paulo Freire, o diálogo faz parte da nossa vida. Por meio dele, pronunciamos o mundo, comunicamo-nos ativamente – escutando a palavra de outras pessoas e pronunciando a nossa palavra, nossa visão de mundo, nossos sonhos, desejos e utopias. Diálogo pressupõe relação que não anula a alteridade do outro, não nega a diferença, é comunhão, é acolhimento ético do outro. Diálogo é uma forma de agir diante do mundo, dos outros e do próprio conhecimento. Uma postura de quem sabe que sabe, e, ao mesmo tempo, reconhece que não sabe tudo e pode saber mais. “O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro” (FREIRE, 1992, p. 118), pronunciam o mundo e o transformam, e, transformando-o, criam condições para a humanização de todos.

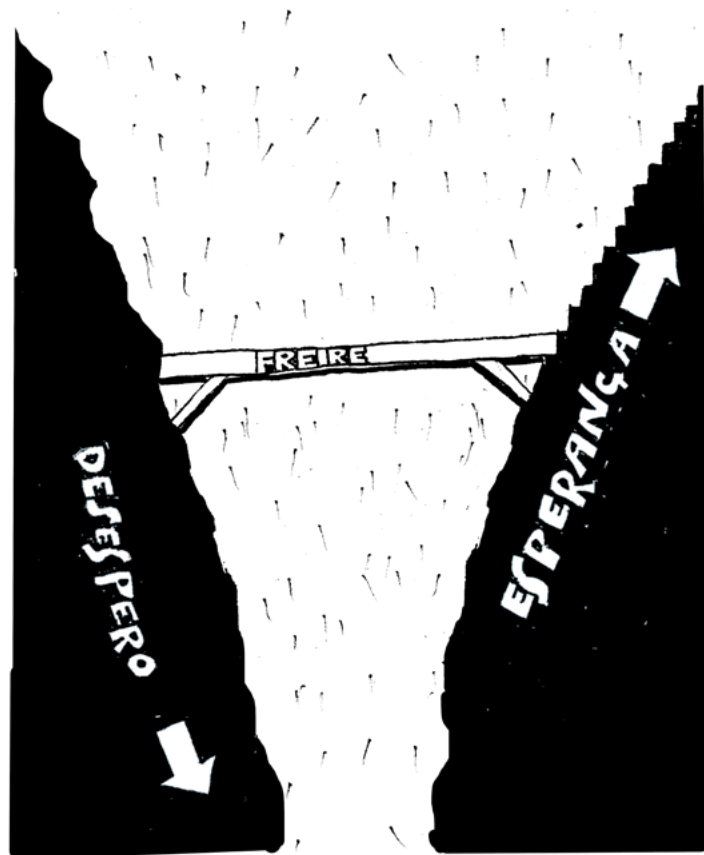
DENÚNCIA-ANÚNCIO

Para Paulo Freire, ao constatarmos determinados problemas, no mundo em que vivemos, não adianta apenas denunciar as condições encontradas. Ao lado da denúncia, precisamos saber fazer o anúncio. Seremos capazes de analisar criticamente a realidade e formular propostas de transformação. Tanto denúncia, como anúncio, a partir da análise crítica e criativa do “mundo observado”, oferecem-nos condições utópicas, alimentam



os nossos sonhos, nossa organização, nosso compromisso, nossa ação para a transformação e viabiliza projetos de intervenção na realidade para que alcancemos as mudanças necessárias, pensadas de forma crítica, criativa e colaborativa. Será a nossa ação concreta e política diante dos desafios encontrados que nos permitirá vislumbrar novas realidades, buscando soluções exequíveis, ampliando as nossas utopias e permitindo que, dialógica e coletivamente, possamos realizar os nossos sonhos de mudança. Não basta, portanto, apenas denunciar; é preciso anunciar. Para Freire, “não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação” (FREIRE, 1987, p. 78).





ESPERANÇA SEM ESPERA

“Quem só espera nunca alcança” – diz o saber popular. Não basta ter esperança sem lutar para conquistá-la, como não adianta esperar que alguém faça por nós o que devemos fazer. A esperança se faz na luta, na ação prática da vida cotidiana, no enfrentamento individual e coletivo dos problemas com os quais nos deparamos. Sem esperança, ficamos imobilizados e podemos nos desesperar e sucumbir. Somos seres curiosos, inacabados e incompletos, que, por meio do diálogo amoroso, da esperança crítica e da conscientização,

consequimos superar os limites que nos impedem, muitas vezes, até mesmo de acreditar que podemos, juntos, superar os desafios da nossa própria existência. Daí, a necessidade, de nossa esperança crítica, capaz de resgatar os nossos sonhos e a certeza de que “mudar é difícil, mas é possível e urgente”, como nos ensina Paulo Freire. Esperança é uma categoria central na obra de Freire. Caminha junto com outros conceitos como utopia, inédito-viável ou sonho possível. Não há esperança na imobilidade. Se queremos um amanhã diferente, sua construção tem que ser iniciada hoje. É preciso colocar a esperança em movimento. E ela se coloca em movimento, quando nos unimos e agimos em direção ao mundo que queremos construir.

EDUCAÇÃO BANCÁRIA - EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA

A escola e toda docência que se utilizam de uma narrativa e de uma prática que afirmam que a realidade é estática, neutra, compartimentada, e estabelece que o professor é o que tudo sabe, por isso ensina àquele que nada sabe, o aluno, é chamada de “educação bancária” por Paulo Freire. Nela, estudantes são recipientes” (objetos) onde, de forma “bancária”, são depositados conteúdos, princípios, valores e técnicas. O objetivo dessa educação é impedir a conscientização das pessoas, é aliená-las para que não questionem as injustiças sociais e todo tipo de desigualdade presente na sociedade. Não cria possibilidade



de refletir acerca das contradições e dos conflitos do cotidiano em que se insere a escola, o aluno. Nessa perspectiva, a educação e o conhecimento deixam de ser processos de busca, de compreensão da história como possibilidade, e servem para silenciar sonhos possíveis, impedir a criatividade e a liberdade, fortalecendo a sociedade opressora e a “cultura do silêncio” aos oprimidos. Ela atinge tudo e todos, que, fazendo parte das classes dominadas, vão aprendendo, desde a infância, a não dizer a sua palavra. Para romper com essa cultura do silêncio e as condições que a



constroem, é preciso desenvolver e fortalecer uma educação problematizadora ou libertadora. A prática bancária subordina o educando, sufocando o gosto pela rebeldia, reprimindo a curiosidade, desestimulando a capacidade de desafiar-se, de arriscar-se, tornando-o um sujeito passivo. Contrapondo-se a essa concepção, Paulo Freire enfatiza a necessidade da educação que fortalece o pensamento crítico, científico, criativo, propositivo, que questiona a realidade, que a entende como construção social e histórica, que forma para e pela cidadania ativa.

INÉDITO-VIÁVEL

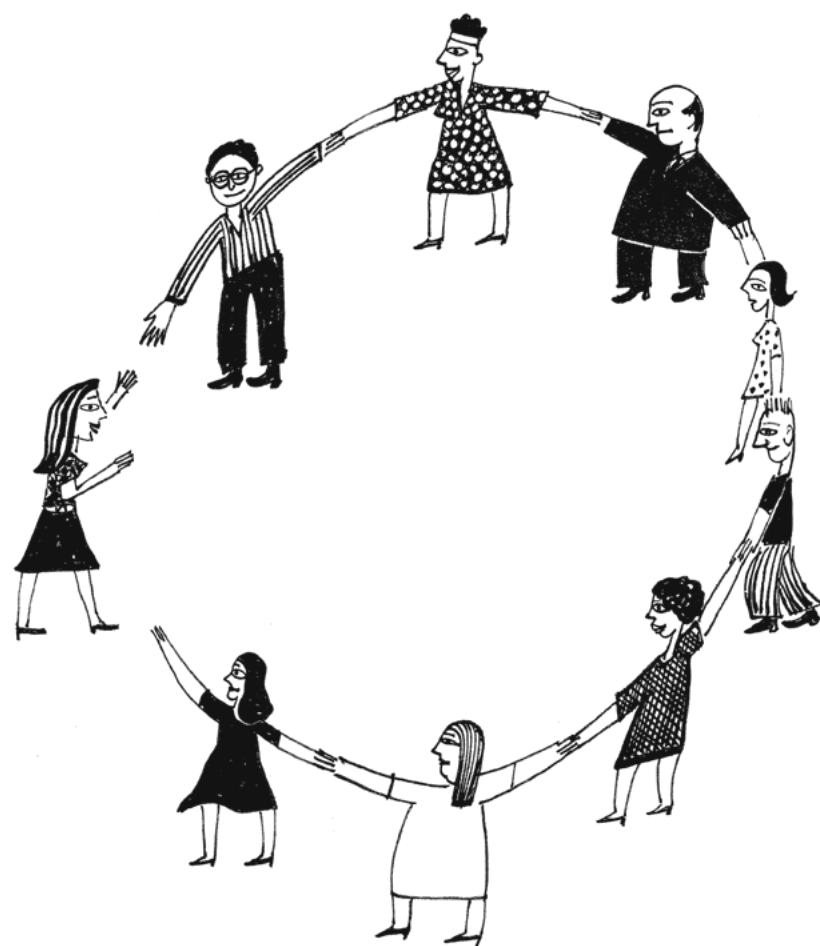
Já não há mais saídas. A situação se agravou ainda mais e não há como mudá-la. Às vezes temos este sentimento. É quando nos sentimos no limite de qualquer possibilidade de reação diante da situação injusta ou da dificuldade na qual nos encontramos. Porém, sempre há esperança que, por dever ser sem espera, incita-nos a buscar inéditas soluções, impulsionados pela utopia coletiva, que aponta, sem que o saibamos exatamente, que ainda há outras alternativas para o problema antes considerado insolúvel. Acreditando no sonho coletivo e contando com novos e diferentes olhares, deparamo-nos com “inéditos-viáveis”, ou seja, com possibilidades de solução antes impensáveis que agora, identificadas e revistas, permite-nos percebê-las como viáveis, permite-nos encontrar novas soluções para o que antes se mostrava insolúvel. E percebemos



que o sonho pode se tornar realidade e que esta pode ser coletivamente pensada por nós, quanto mais formos capazes de alimentar as nossas utopias, como alavancas dos nossos sonhos, que nos animam a novas buscas e descobertas. O “inédito-viável” condensa em si a crença no sonho e na possibilidade da utopia, na transformação das pessoas e do mundo. Ele se opõe à visão fatalista da realidade. Ele mostra a possibilidade onde antes se via o determinismo.

LEITURA DO MUNDO - LEITURA DA PALAVRA

A leitura do mundo e da palavra é, em Freire, caminho de humanização, acessando mediações de poder e cidadania. A educação na perspectiva freiriana começa pela “leitura do mundo”. Isso significa que não é possível intervir na realidade sem conhecê-la antes, profundamente. Nesse processo, acontece a aprendizagem coletiva da “leitura e escrita da palavra”. Dá-se, assim, o processo de conscientização sobre o mundo lido, sobre a realidade vivida, a partir da qual abrem-se possibilidades de sua transformação, permitindo a compreensão e a possibilidade da intervenção política, jamais neutra, na realidade injusta. Além de ler e escrever a palavra escrita, aprende-se, sobretudo, a pronunciar crítica e criativamente o mundo. Aprender a nomear o mundo, a duvidar e a perguntar, a problematizá-lo, e enxergar a possibilidade que temos de, coletivamente, transformá-lo.



OPRESSOR-OPRIMIDO

Paulo Freire, desde seu livro *Pedagogia do oprimido* (1968), aborda a relação opressor-oprimido, que se caracteriza pela exploração e violência exercida pelo primeiro sobre o segundo, provocando relações desiguais, injustas, que geram o desalento e a miséria do oprimido, impedido de dizer a sua própria palavra, de defender os seus direitos e de se libertar da opressão. Quem oprime acaba gozando de todos os privilégios na sociedade




(riqueza, poder, direitos, privilégios etc.). Para isso, nega ao oprimido a própria humanidade e o direito à vida digna, à justiça social, ao emprego, à saúde, à cultura, à educação, ao esporte, à sua própria existência e ao seu bem viver. Fundamentalmente, oprimidos e opressores são classes sociais antagônicas e em luta. Para Paulo Freire, tanto oprimidos quanto opressores, enquanto seres envolvidos em relações de dominação, têm sua humanidade negada pela realidade de opressão que funda suas existências. Ambos encontram-se impedidos de ser plenamente humanos. Só a práxis libertadora do oprimido é capaz de superar a opressão e restaurar a humanidade de ambos. “A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam” (FREIRE, 1987, p. 16). O opressor, ao oprimir, desumaniza-se. O oprimido, por sua vez, submetido à realidade opressora, é desumanizado. “Não sou se você não é, não sou, sobretudo, se proíbo você de ser” (FREIRE, 1992, p. 51). Oprimidos e opressores não estão, entretanto, condenados à desumanização. A *Pedagogia do oprimido* educa para a compreensão crítica da realidade vivida e pressupõe o engajamento na luta por libertação. Para Freire, a superação dessa situação de desigualdade social só é possível por iniciativa daqueles e daquelas que são vítimas da opressão e que sentem no corpo e na alma, os efeitos da opressão, que os impede de recuperar a sua humanidade negada.



POLITICIDADE DA EDUCAÇÃO

A educação é um ato político. Ela sempre implica escolhas. Escolhas quanto ao conteúdo, às relações humanas, ao currículo, à gestão, à relação com a comunidade. Ao mesmo tempo em que educação é um ato político, este também tem o seu caráter educativo. Não existe, num caso, e no outro, neutralidade – nem, tampouco, na ciência, na arte, na cultura. A educação que realizamos pode contribuir para reforçar a sociedade desigual ou pode fortalecer caminhos de construção de novas realidades, com justiça social, igualdade de direitos, vida com dignidade para todos/as/es. É necessário que sempre nos perguntemos: nas

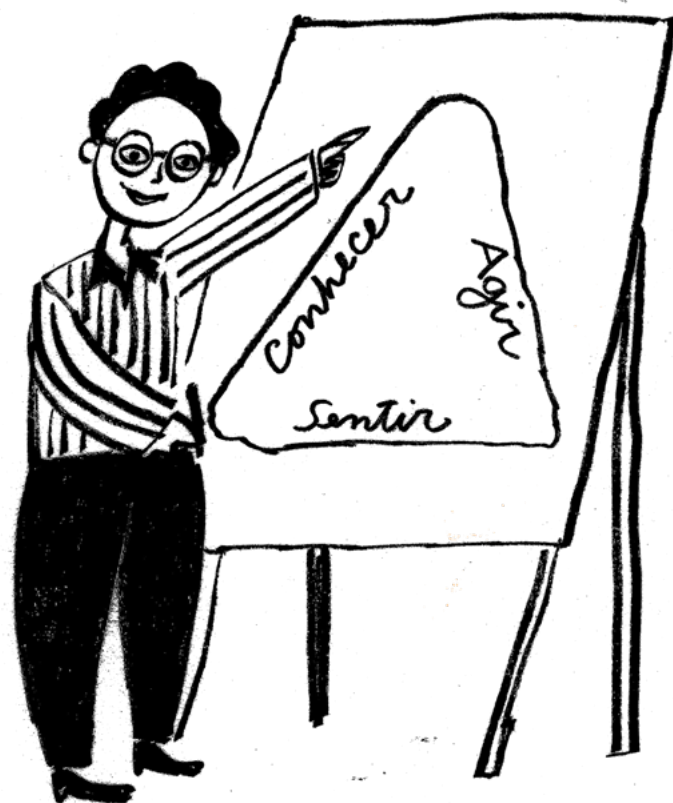




diferentes situações da vida, dentro e fora da escola: estamos a favor de quem? Contra quem? Para quê? Quais projetos estão em disputa na sociedade e quais defendemos, dentro e fora da escola? E, afinal: qual é a relação entre educação, política e poder? Quem se beneficia e quem perde com a humanização/desumanização da sociedade e da própria educação que vivemos e praticamos? A própria possibilidade de realizarmos tais perguntas e problematizarmos sobre a realidade, já se constitui processos educativos de natureza política.

RADICAL-SECTÁRIO

Paulo Freire define a si mesmo como radical e repudia o sectarismo. Ele contrapõe radicalidade a sectarismo. Para ele, sectário é alguém muito certo de suas certezas, "dono da verdade", pouco aberto a ouvir o outro, com opinião pronta e imutável sobre o mundo. "A sectarização, diz ele, tem uma matriz preponderantemente emocional e acrítica. É arrogante, antidialógica e por isso anticomunicativa. É reacionária, seja assumida por direitista, que para nós é um 'sectário' de nascença, ou esquerdista. O sectário nada cria porque não ama" (FREIRE, 1980, p. 50). O radical é aquele que vai à raiz do problema. É humilde. Sabe que não sabe tudo. É rigoroso na busca da coerência entre seu discurso e prática. Pesquisa, está aberto a compreender com profundidade as questões que lhe tocam. Fundamenta-se em argumentos baseados na ciência. "A radicalização, que implica no



enraizamento que o homem faz na opção que fez, é positiva, porque preponderantemente crítica. Porque crítica e amorosa, humilde e comunicativa" (FREIRE, 1980, p. 50). "Por isso", diz Freire, "a radicalidade é serena, na medida em que não teme mudar quando for necessário. [...] O radical está a serviço da verdade; o sectário de sua verdade, que ainda pretende impor" (FREIRE, 1995, p. 66).



SABER DE EXPERIÊNCIA FEITO

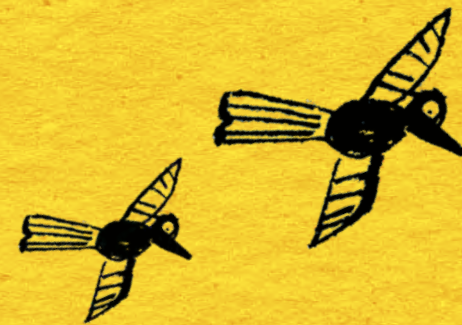
"Ninguém sabe tudo. Ninguém ignora tudo". Todos nós sabemos alguma coisa. Aprendemos na escola. Mas também aprendemos fora da escola. Há pessoas que nunca foram para escola, mas possuem conhecimento. Na obra Pedagogia do oprimido, Paulo Freire faz crítica à ideologia opressora que fortalece a visão que separa "os que sabem" e "os que não sabem" e desqualifica o saber que se constrói com a própria prática. O saber de experiência feito deve ser tomado como ponto de partida na relação educador-educandos. Para Freire, todo saber deve ser valorizado e ninguém pode ser humilhado ou excluído pelo conhecimento que possui e pela forma como o construiu.

SITUAÇÕES-LIMITE

São obstáculos sentidos e percebidos pelas pessoas, em suas vidas pessoais e sociais, que precisam ser vencidos, mas que não têm soluções ou saídas, por serem tão intensos e aparentemente intransponíveis. Por seu grau de dificuldade, levam-nos muitas vezes ao desânimo e ao imobilismo. Tem-se a impressão de que os condicionamentos e a falta de liberdade – e até mesmo o medo de enfrentar tais desafios, na sociedade injusta na qual vivemos – que não há saídas. Mas é justamente neste momento, que a partir da reflexão crítica, coletiva e esperançosa, sem espera, que surgem possibilidades de superação destes desafios que antes, pareciam

insuperáveis. As situações-limites geram o "inédito-viável", como acontece quando crises geram oportunidades, medos geram ousadias. Temos o dever de romper essa barreira das "situações-limite" para resolver, pela ação com reflexão, os obstáculos à transformação.





**COMO POSSO
PERCEBER A PRESENÇA
DO PENSAMENTO DE
PAULO FREIRE NA
MINHA ESCOLA?**



PRINCÍPIOS DE CONVIVÊNCIA

Uma das formas de verificar se as ideias de Freire estão na sua escola é ficar atento às relações humanas. Existem regras disciplinares que dizem respeito apenas aos alunos, que eles têm que cumprir, mas de cuja elaboração não participaram? Paulo Freire fala da necessidade de uma convivência fundamentada no diálogo, no respeito, nos direitos humanos. Professores(as), alunos(as), diretores(as), funcionários(as) de apoio, familiares devem se orientar por relações horizontais, de cooperação e de solidariedade. Nas escolas



e nos processos educativos em geral, frequentemente confunde-se autoridade com autoritarismo e liberdade com licenciosidade. A disciplina é fundamental, mas ela não pode ser imposta por ameaças e repreensões. O aluno não pode ser disciplinado por medo. Freire lembra que “não há disciplina no imobilismo, na autoridade indiferente, distante, que entrega à liberdade os destinos de si mesma”. Para ele, “só há disciplina [...] no movimento contraditório entre coercibilidade necessária da autoridade e a busca desperta da liberdade para assumir-se” (FREIRE, 1997, p. 77). A disciplina nasce da responsabilidade, do compromisso de cada um, da coerência entre nosso discurso e nossa prática, do nosso desejo e compreensão da necessidade de estudar com rigor e com dedicação, do desejo de aprender. A convivência na escola não nega o conflito. Reconhece-o como parte das relações humanas, e procura resolvê-lo sem violência física ou moral. O diálogo é caminho para a resolução dos conflitos. Paulo Freire está presente quando se busca superar, nas dependências escolares, a constituição de regras de caráter repressivo e/ou discriminatório (raça, etnia, classe social, orientação afetivossexual); quando se oferecem espaços formativos capazes de restabelecer a autoestima, a confiança, a capacidade criativa e criadora das crianças e jovens que ali estão.



GESTÃO DEMOCRÁTICA

Para Paulo Freire, a gestão da escola não pode se basear em relações de mando e subordinação, de um pequeno grupo que pensa e planeja o que a maioria deve fazer. O poder de decisão sobre o que acontece na escola não pode estar centralizado na figura do diretor ou de um grupo restrito de pessoas. A gestão precisa ser democrática. Incluir a participação de todos os segmentos. Não é uma participação de quem apenas “faz parte”, mas de quem “toma parte” nas decisões. Daí numa escola que se referencia no pensamento de Paulo Freire, haverá sempre espaços e tempos de

escuta, de diálogo, de consulta, de construção coletiva, de decisão coletiva por meios de assembleias gerais, de colegiados como os conselhos escolares e como os grêmios estudantis. Haverá sempre a valorização e a convivência com a diversidade. Não haverá vozes silenciadas. Todos serão valorizados: negros, quilombolas, LBGTQIA+, deficientes, pobres, homens, mulheres, crianças, jovens, adultos, etc.

PROJETO ECO-POLÍTICO-PEDAGÓGICO

Na perspectiva freiriana, o projeto da escola deve contemplar o projeto de vida daquelas pessoas que dela fazem parte. Deve, portanto, ser elaborado com a participação efetiva de familiares, estudantes, docentes e todos os segmentos que fazem parte da escola (pessoal de apoio, diretoria, coordenação, secretaria, entre outros). Paulo Freire diz, em seu livro, *A educação na cidade* (1991), que: “[...] Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feita, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história. A participação popular na criação da cultura e da educação rompe com a tradição de que só a elite é competente e sabe quais são as necessidades e



interesses de toda a sociedade. A escola deve ser também um centro irradiador da cultura popular, à disposição da comunidade, não para consumi-la, mas para recriá-la. A escola é também um espaço de organização política das classes populares. A escola como um espaço de ensino-aprendizagem será então um centro de debates de ideias, soluções, reflexões, onde a organização popular vai sistematizando sua própria experiência. O filho do trabalhador deve encontrar nessa escola os meios de autoemancipação intelectual independentemente dos valores da classe dominante [...]. (FREIRE, 1991, p.16). Para que a escola se assuma como um espaço de diálogo, debates e construção de um saber transformador, a elaboração do seu projeto político-pedagógico deve incluir a participação ativa, crítico-propositiva, criativa de todos, todas, todes que dela fazem parte.

CURRÍCULO

Como a escola se organiza? O que ela ensina? Como ela ensina? Que vozes são valorizadas no interior da escola? Que dimensões do humano são consideradas? Paulo Freire, no livro *Medo e ousadia*, afirma que não pode haver dicotomia entre ler as palavras e ler o mundo. Ele diz: "Minha impressão é que a escola está aumentando a distância entre as palavras que lemos e o mundo em que vivemos. [...] Ao ler palavras, a escola se torna um lugar especial que nos ensina a ler apenas as 'palavras da escola', e não as 'palavras da realidade'. O outro mundo, o mundo dos fatos, o mundo da vida, o mundo no qual os eventos estão muito vivos, o mundo das lutas, o mundo da discriminação e da crise econômica (todas essas coisas estão aí), não tem contato algum com os alunos na escola através das palavras que a escola exige que eles leiam. Você pode pensar nessa dicotomia como uma espécie de 'cultura do silêncio' imposta aos estudantes (FREIRE, 1986, p. 164). A definição do currículo pressupõe a valorização do contexto em que os educandos estão inseridos. A localidade do educando é, dessa forma, o ponto de partida para a construção do conhecimento do mundo. Criar condições para que as pessoas falem a partir de seus territórios, do seu lugar de vida, convivência, trabalho, relações sociais, e, num movimento solidário, dialético e dialógico, permitindo que desvendem o local e o universal, denominem o mundo e se comprometam com as ações necessárias à construção do mundo



novo, com justiça social e sustentabilidade. Definir o currículo pressupõe a compreensão de que não se educa só com a razão, mas, como Paulo Freire nos ensina, educa-se "com o corpo inteiro", então, além da razão, são também importantes a emoção, a afetividade, a amorosidade, as relações humanas, a arte, o esporte a cultura no processo educativo. As diferentes manifestações artístico-culturais devem ser valorizadas. A formação do ser humano deve ser integral. A dança, a literatura, a pintura, a música, o esporte, a fotografia, as diferentes formas do humano se manifestar devem ser estimuladas. O currículo escolar (aquele que já existe) e o currículo da escola (aquele que fazemos no dia a dia da escola) não pode se distanciar e nem silenciar as palavras do mundo vivido por todas as pessoas e segmentos que frequentam a unidade escolar: em vez de adaptá-las ao "mundo dado", procura inquietá-las para que percebam o "mundo dando-se", o qual pode ser mudado, transformado, reinventado.

Currículo é, na acepção freiriana, a política, a teoria e a prática do que fazer na educação, no espaço escolar, e nas ações que acontecem fora desse espaço, numa perspectiva crítico-transformadora.

AVALIAÇÃO

Avaliar significa atribuir valor, valorar, reconhecer, apreciar. Como é a avaliação na escola? Quem avalia? Avalia o quê? Com que periodicidade? Avalia para quê? Quem

tem acesso ao resultado da avaliação? O que se faz com o resultado da avaliação? Ele serve para reorientar a prática pedagógica na escola? Serve para atualizar o Projeto Político-Pedagógico? Uma escola que se referencia no pensamento de Paulo Freire não exercita a avaliação apenas no momento em que professores e professoras aplicam provas para saber o que quem estuda está aprendendo sobre cada uma das disciplinas e, depois, no momento do conselho de classe. Não se trata de uma prática que tem a ver apenas com a avaliação docente em relação ao desempenho dos estudantes. Se o Projeto Eco-Político-Pedagógico deve ser elaborado de forma dialógica e participativa, o mesmo se aplica à avaliação. Não devemos avaliar apenas o desempenho do aluno e da aluna, mas também o "desempenho" da escola como um todo, o desempenho do Projeto Eco-Político-Pedagógico, a formação dos professores, a gestão da escola. Avaliar o ambiente educativo, avaliar a proposta pedagógica, as relações humanas, os conteúdos trabalhados, as metodologias adotadas, a relação da escola com a comunidade, a infraestrutura da escola, os objetivos a que ela se propõe em relação à formação dos alunos, etc. Periodicamente é necessário avaliar as diferentes dimensões da escola. Construir coletivamente indicadores para cada uma das dimensões a serem observadas. O grêmio estudantil e o conselho escolar, numa escola referenciada no pensamento freiriano, assumem um papel importante no processo da avaliação



institucional da escola. Quanto ao conselho de classe, ele não é feito só com a participação dos professores, reunidos para compartilhar como tem sido o desempenho dos alunos nas diferentes disciplinas. Numa escola democrática, os alunos também participam do conselho de classe.

CIDADANIA, PARTICIPAÇÃO, AUTONOMIA

Paulo Freire está presente na escola quando são criadas condições para a formação cidadã desde a infância, para o desenvolvimento do pensamento crítico-criativo-propositivo, com autonomia, para a capacidade da denúncia das injustiças do mundo e do anúncio de novas realidades mais justas e sustentáveis. Cidadania entendida como a capacidade de se assumir como sujeito da história. Formar pessoas capazes de compreender o seu estar sendo no mundo, compreender crítica e criativamente o mundo em que vivem e agir para transformar esse mundo para melhor. Cidadania de quem, mais do que cumprir leis, seja capaz de criar novos espaços de decisão política visando ao bem comum. Formar pessoas realmente humanizadas que expressem seu pensamento com autonomia; que sejam capazes de "dizer a sua própria palavra" como afirma Ernani Maria Fiori, prefaciador do livro *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire.



ESCOLA ACOLHEDORA

Para Paulo Freire, a escola não educa só por meio das palavras ditas e escritas. Ela educa pelas relações humanas, pelos valores que promove e, também, pela forma como organiza o tempo e o espaço. Ele diz que é pedagógico o espaço. Uma escola precisa ser limpa, organizada, com uma atmosfera receptiva e acolhedora.



VALORIZAÇÃO DA TECNOLOGIA E DA INCLUSÃO DIGITAL

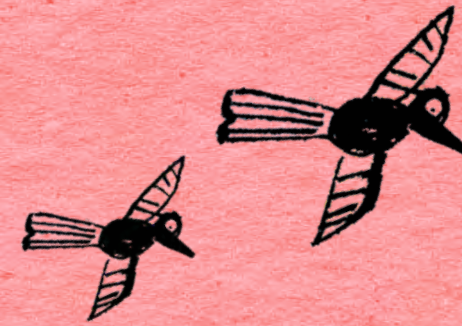
Paulo Freire sempre valorizou o uso da tecnologia. No Programa Nacional de Alfabetização, em 1963, ele usou, por exemplo, projetores importados da Polônia. Quando foi secretário da Educação da cidade de São Paulo, na gestão da Luiza Erundina (1989-1992), criou o projeto Gênese. Ofereceu cursos para professores. Equipou as escolas com laboratórios de informática. Para ele, a tecnologia em si nunca foi um problema ou ameaça aos professores. Muito pelo contrário. Numa entrevista concedida à Revista Bits, Paulo Freire afirmou que fazia questão de ser um homem de seu tempo e disse: "O avanço da ciência e da tecnologia não é tarefa de demônios, mas sim a expressão da criatividade humana. Por isso mesmo, as recebo da melhor

forma possível. Para mim, a questão que se coloca é: a serviço de quem as máquinas e a tecnologia avançada estão? Quero saber a favor de quem, ou contra quem as máquinas estão postas em uso. Então, por aí, observamos o seguinte: não é a informática que pode responder. Uma pergunta política, que envolve uma direção ideológica, tem de ser respondida politicamente. Para mim os computadores são um negócio extraordinário. O problema é saber a serviço de quem eles entram na escola" (REVISTA BITS, 1984, p. 6).



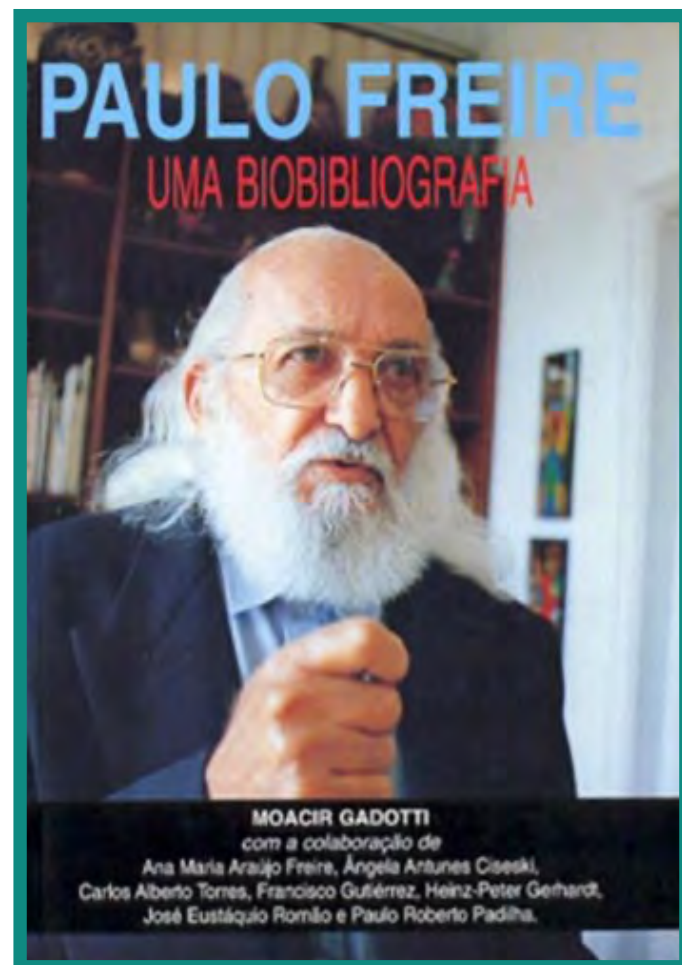


LAUDIONOR



PARA SABER MAIS

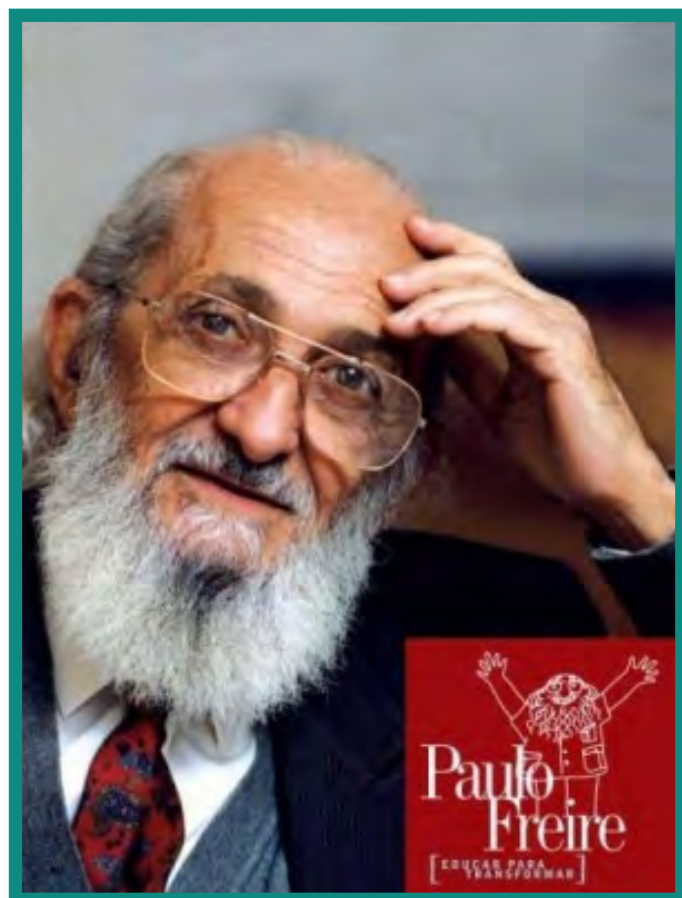




Uma publicação bastante completa sobre a vida e obra de Paulo Freire pode ser encontrada no livro **Paulo Freire – uma biobibliografia**, com mais de setecentas páginas, coordenado por Moacir Gadotti – que conviveu e trabalhou com Paulo Freire por mais de vinte anos e é um dos principais estudiosos de sua obra – e editado por meio de parceria entre o Instituto Paulo Freire, a Editora Cortez e a Unesco. GADOTTI, Moacir (Org). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez; IPF; UNESCO, 1996. Disponível em http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3078/1/FPF_PTPF_12_069.pdf.



Há um lindo livro fotobiográfico sobre Paulo Freire produzido no **contexto do Projeto Memória**. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/3452>.

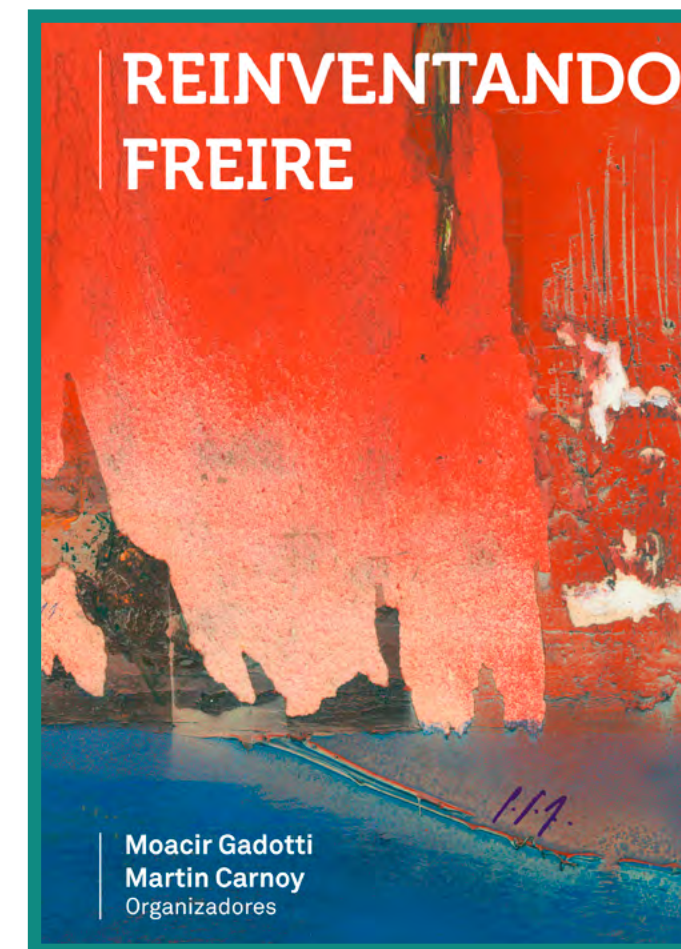


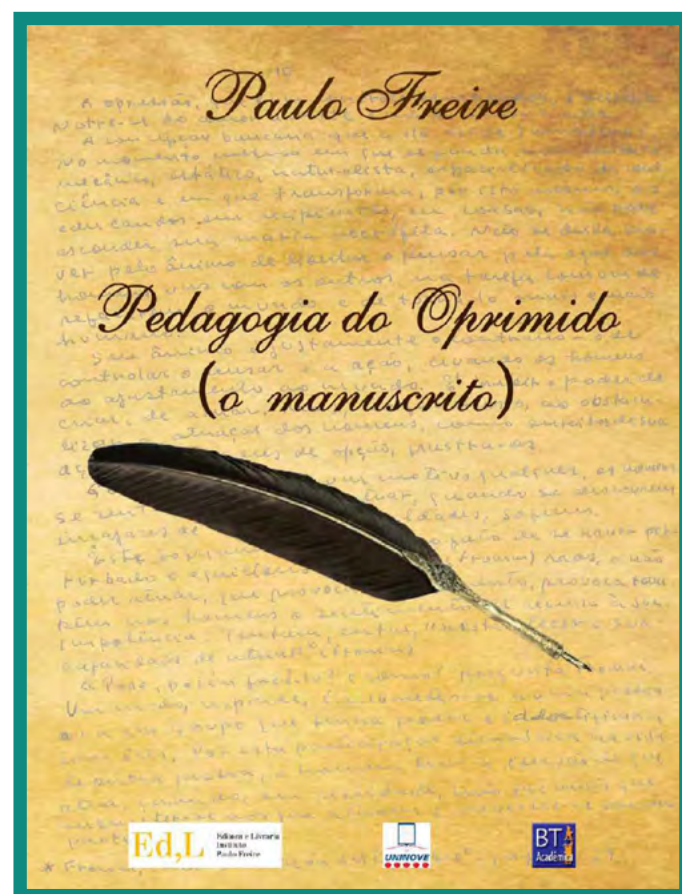
Memorial virtual Paulo Freire -

Grande parte do que existe no Acervo Paulo Freire, no Instituto Paulo Freire, foi digitalizado e disponibilizado virtualmente no Memorial Virtual Paulo Freire. Ele está estruturado nas seguintes seções: Conheça Paulo Freire, Linha do Tempo, Biblioteca, Glossário, Acervo e Instituto Paulo Freire. A seção Comunidade Freiriana Internacional reúne pessoas e instituições que, em várias partes do mundo, organizam-se e inspiram suas reflexões e ações na vida e obra do educador. Disponível em: www.memorial.paulofreire.org.



No livro **Reinventando Freire: a práxis do Instituto Paulo Freire**, inspirado em dois momentos importantes da história da educação, os 50 anos da Pedagogia do Oprimido e 100 anos da Reforma Universitária de Córdoba, o livro revisita Paulo Freire a partir da práxis do Instituto Paulo Freire, instituição criada por ele e que há 30 anos continua reinventando seu legado e reafirmando a atualização do seu pensamento. Disponível em: <https://bit.ly/pdfreinventandofreire>.





Neste link, você pode acessar o pdf dos manuscritos da **Pedagogia do oprimido**. Disponível em: <https://bit.ly/pdfmanuscritospo>.

O Canal Futura, no ano do centenário de Paulo Freire, lançou a série Entrevista com vários convidados falando sobre Paulo Freire. Disponível em: <https://canaiglobo.globo.com/assistir/futura/entrevista-educacao-no-centenario-de-paulo-freire/t/2WpCq29sk7/>.

Também, no contexto do centenário, foi produzido Paulo Freire: um homem do mundo. Série documental em cinco episódios sobre o pensador brasileiro que é referência mundial na educação. Direção: Cristiano Burlan. Disponível em: <https://sesctv.org.br/>.

Vale a pena conhecer a Ocupação Paulo Freire, do Instituto Itaú Cultural. Disponível em: <https://www.itaucultural.org>.

Exposição da Fundação Perseu Abramo. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2021/09/21/exposicao-virtual-homenageia-paulo-freire-em-seu-centenario/>.

Fonemas da liberdade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vNFRq82-yWc>.

Paulo Freire gostava de cantar e também de escrever poemas. Encerramos esta publicação com um poema dele.



CANÇÃO ÓBVIA

Canção Óbvia foi escrita em Genebra, em março de 1971.
FREIRE, P. Pedagogia da indignação. São Paulo: Unesp, 2000.

Escolhi a sombra desta árvore para repousar do muito que farei, enquanto esperarei por ti. Quem espera na pura espera vive um tempo de espera vã. Por isto, enquanto te espero trabalharei os campos e conversarei com os homens. Suarei meu corpo, que o sol queimará, minhas mãos ficarão calejadas, meus pés aprenderão o mistério dos caminhos, meus ouvidos ouvirão mais, meus olhos verão o que antes não viam, enquanto esperarei por ti. Não te esperarei na pura espera porque o meu tempo de espera é um tempo de quefazer. Desconfiarei daqueles que virão dizer-me, em voz baixa e precavidos: É perigoso agir É perigoso falar É perigoso andar É perigoso esperar, na forma em que esperas, porque esses recusam a alegria de tua chegada. Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me, com palavras fáceis, que já chegaste, porque esses, ao anunciar-te ingenuamente, antes te denunciam. Estarei preparando a tua chegada como o jardineiro prepara o jardim para a rosa que se abrirá na primavera.



REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Paulo Freire**: o menino que lia o mundo – uma história de pessoas, de letras e de palavras. São Paulo: Unesp, 2005.

CONH, Sergio. **Encontros**: Paulo Freire. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2012.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. A máquina está a serviço de quem? In: **Revista Bits**, São Paulo, v. 1, n. 7, p. 6, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora; Autores Associados, 1991. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v. 4).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. São Paulo: Cortez Editora, 1993. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 23).

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 2. ed. São Paulo: Ed. Olho D'água, 1995.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não** – cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Ed. Olho d'água, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática pedagógica. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do Professor. Tradução de Adriana Lopez. Revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez; IPF; Brasília: Unesco, 1996.



Paulo Freire - Um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida.

A edição desta obra foi viabilizada por meio do projeto “Trilhos da Educação - Assessoria técnico-pedagógica para o fortalecimento da educação básica nos municípios ao longo da Estrada de Ferro Carajás”, realizado por meio de parceria estabelecida entre a Flacso Brasil, a Vale e a Secretaria de Educação do Governo do Estado do Maranhão. Sua distribuição eletrônica ou impressa é gratuita.

Secretaria de Educação do Governo do Estado do Maranhão

Governador do Estado do Maranhão
Flávio Dino de Castro e Costa

Secretário de Estado da Educação
Felipe Costa Camarão

Subsecretário de Estado da Educação
Danilo Moreira da Silva

Secretária Adjunta de Gestão da Rede do Ensino e da Aprendizagem
Nadya Christina Guimarães Dutra

Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso Brasil)

Diretora
Salette Sirlei Valesan Camba

Coordenadora do Programa Cidadania, Participação Social e Políticas Públicas
Kathia Dudyk

Vale

Presidente
Eduardo Bartolomeo

Vice-Presidente da Vale
Luiz Eduardo Osorio

Diretor de Relações Institucionais
Luiz Ricardo Santiago

Instituto Paulo Freire

Patrono
Paulo Freire

Presidente de Honra
Moacir Gadotti

Diretores
Ângela Biz Antunes
Paulo Roberto Padilha
Janaína M. Abreu



Trilhos da Educação

Coordenação geral
Kathia Dudyk

Coordenação de articulação e gestão interna
Bárbara Alves Nonato

Coordenação de conteúdo
Carolina Albuquerque Silva

Coordenação pedagógica
Camila Castanho

Coordenação de ações de juventude
Edvard Sales Ferreira Neto

Coordenação administrativa-financeira
Márcia de Câmera Campos

Equipe
Aline Quintão, Ana Letícia Oliveira, Danuel Sucupira, Fernanda Valesan, Flávio Vinícius Silva, Juliana Nascimento Lima, Pedro Gorki, Polianna Geysa Rodrigues e Wilna Sena.

Ficha Técnica

Organização
Ângela Biz Antunes e Paulo Roberto Padilha

Ilustrações
Claudius Ceccon

Imagens
Acervo IPF

Revisão técnica
Margareth Doher

Projeto gráfico e Diagramação
Jimmy Carter F. L. e Vitor Reis Soares



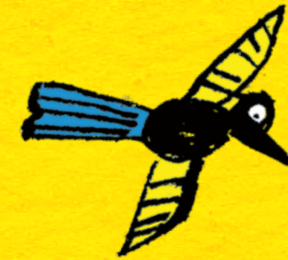
Coordenação Editorial:



Parceria:



SEDUC





Coordenação Editorial:

Parceria:



SEDUC

